



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO**  
**PROFESSOR ALBERTO CARVALHO**  
**DEPARTAMENTO DE QUÍMICA - DQCI**



**SIMONE SANTOS**

**PIBID: UMA REFLEXÃO ACERCA DO SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES FORMADORES DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM  
QUÍMICA**

**ITABAIANA – SE**

**2022**

SIMONE SANTOS

**PIBID: UMA REFLEXÃO ACERCA DO SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES FORMADORES DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM  
QUÍMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe – *campus* Professor Alberto Carvalho, como requisito para aprovação na atividade de Trabalho de Conclusão de Curso, conforme anexo VII da Resolução n. 27/2020 do CONEPE.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Beatriz Mota Teixeira

**ITABAIANA – SE**

**2022**

SIMONE SANTOS

**PIBID: UMA REFLEXÃO ACERCA DO SEU PAPEL NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES FORMADORES DE UM CURSO DE LICENCIATURA EM  
QUÍMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para cumprimento, conforme anexo VII da Resolução n. 27/2020 do CONEPE que aprova alterações no Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Química Licenciatura do *campus* Universitário Professor Alberto Carvalho.

Área de concentração: Ensino de Química

Data de Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João Paulo Mendonça Lima (Orientador)

Universidade Federal de Sergipe

---

Prof. Dr. Marcelo Leite dos Santos

Universidade Federal de Sergipe

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Etcheverria

Universidade Federal de Sergipe

**ITABAIANA – SE**

**2022**

## DEDICATÓRIA

*A quem permitiu que as minorias  
pudessem ocupar o mesmo espaço que as maiorias,  
assumindo papéis de protagonistas e não servindo café.*

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo às políticas públicas que permitiram que os filhos do empregado pudessem chegar e permanecer em ambientes antes ocupados pelos filhos do patrão. Em especial, agradeço ao ENEM e ao PIBID, através dos quais entrei e permaneci em um curso superior.

Agradeço aos meus pais Paulo de Sena Santos e Josefina Santos, por, desde sempre, terem lutado para manter os filhos na escola com o intuito de nos proporcionar uma vida digna. Agradeço aos demais membros da minha família por tudo (menos pelas perturbações).

Agradeço também a força superior que rege o universo e coloca cada um no exato lugar e tempo que deveria estar. Assim, agradeço a Deus por onde estou e onde chegarei.

Agradeço às/aos minhas/meus colegas de turma (inclusive a nossa estrelinha Thaynara) tenho muito orgulho da gente, do quanto somos guerreiras/os e unidas/os por nossos propósitos. Obrigada por tornarem a jornada mais leve.

Agradeço à todas/os as/os professoras/es por cada conhecimento compartilhado, mas em especial agradeço às/aos menos carrascas/os por cada demonstração de humildade e humanidade.

Gostaria de dedicar um agradecimento especial àqueles que foram essenciais na elaboração deste trabalho. Desta forma, agradeço a Danilo Mesquita dos Santos por sempre me socorrer, a Elisson Lima Santos por ter feito a primeira correção da escrita deste trabalho, a Tamires Sousa Meneses por ter me auxiliado na etapa de transcrição, a minha coorientadora por me auxiliar com a análise dos dados. Agradeço ao meu orientador por todo conhecimento compartilhado durante esses anos e pelo exemplo de pessoa e professor que é, agradeço por cada incentivo e por sempre acreditar em mim (até quando nem eu mesma acredito).

Agradeço também as bancas examinadoras, tanto a do projeto quanto a do TCC, pelas contribuições dadas.

Agradeço àqueles pessoas extra UFS por cada momento de alegria, obrigada por cada risada, por cada drink tomado, por cada rolê. Agradeço também a quem, mesmo não tendo nada a ver, me auxiliou com algumas atribuições da UFS durante a pandemia. Agradeço a minha amiga Franciele de Lima, a quem tenho muito gosto de chamar de chefe, obrigada por nossa parceria e por ter me dado outra profissão.

Por fim, e mais importante, agradeço a mim mesma por ter sido meu próprio apoio em 90% do tempo. Obrigada Simone por cada madrugada que passamos juntas, por cada

momento difícil que conseguimos atravessar. Obrigada por entender que desistir não é uma opção. Meu mais sincero "obrigada" a todas as "Simones" que fui durante a minha trajetória até aqui.

## EPÍGRAFE

*Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (FREIRE, 2002, p. 23).*

## RESUMO

O presente trabalho surgiu a partir do contexto do PIBID do subprojeto de Química da UFS/*Campus* Professor Alberto Carvalho. Considerando a necessidade de se voltar uma atenção para a formação dos formadores de futuros professores, a pesquisa buscou investigar se e como o PIBID pode se refletir na formação dos professores que atuaram como orientadores de pibidianos no edital de 2018. Para se ter uma melhor compreensão a respeito da temática, foi realizado um mapeamento das produções bibliográficas que relacionam o PIBID com a formação dos professores formadores, encontrando apenas cinco trabalhos. A pesquisa é de cunho qualitativo e foi desenvolvida no contexto local de um centro universitário inaugurado em 2006 na cidade de Itabaiana, interior do estado de Sergipe, sendo resultado da política de expansão e interiorização das instituições federais. Os dados foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com quatro professores do curso de Licenciatura em Química que atuaram como colaboradores e orientadores no projeto. As entrevistas foram realizadas de forma *on-line* através do *Google Meet*. Os dados obtidos foram analisados seguindo a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (2016). Através dos dados obtidos, foi possível traçar o perfil dos(as) participantes, levando em consideração sua trajetória formativa e sua atuação docente. Além disso, foi possível compreender os reflexos do PIBID para a formação; para ressignificar a prática docente; para as linhas de pesquisa e para o conhecimento sobre a Educação Básica.

## PALAVRAS-CHAVE

Professores formadores, PIBID, formação de professor.

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** – Mapeamento das publicações relacionadas com o tema de pesquisa

**Quadro 2** – Contato com a pesquisa em Ensino de Química

**Quadro 3** – Reflexos do PIBID para os(as) professores(as) formadores(as)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

UFS – Universidade Federal de Sergipe

DQCI – Departamento de Química de Itabaiana

PROLICE – Projeto Licenciandos na Escola

RP – Residência Pedagógica

AP – Apoio Pedagógico

PEQ – Pesquisa em Ensino de Química

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

PBL – Aprendizagem Baseada em Problema

SciELO - Scientific Electronic Library Online

MEC – Ministério da Educação

ENEQ – Encontro Nacional de Ensino de Química

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>15</b>
2.1 Objetivo geral .....	15
2.2 Objetivos específicos .....	15
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>16</b>
3.1 Formação de professores de Química.....	16
3.2 Formação continuada.....	18
3.3 PIBID e a formação continuada de professores formadores .....	19
<b>4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>23</b>
4.1 Contexto da pesquisa .....	23
4.2 Participantes da pesquisa .....	24
4.3 Instrumento de coleta de dados .....	24
4.4 Instrumento de análise de dados .....	25
<b>5. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>26</b>
5.1 Perfil dos(as) professores(as) formadores(as) .....	26
5.3 Reflexos a partir da participação no PIBID como orientador .....	<del>31</del> <b>32</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b><del>39</del><b>40</b></b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>
ANEXO A .....	45
ANEXO B .....	47
APÊNDICE .....	49

## 1. INTRODUÇÃO

Desde criança observei meus pais lutarem para manter os filhos na escola, pois queriam para cada um a oportunidade que não tiveram, para que, através da educação, pudéssemos “ser alguém na vida”. Meus pais, sempre acreditaram que a educação era a oportunidade de nos libertar da ignorância e do sistema de opressão no qual eles viviam. Foi nesse contexto que eu (Simone Santos), filha de trabalhadores rurais, negro/parda, sem escolaridade e vítimas de trabalho análogo a escravidão, cresci. Vendo as dificuldades da minha família e ouvindo os conselhos dos meus pais, busquei desde cedo me dedicar aos estudos. Assim, me tornei a primeira da família a ingressar no Ensino Superior.

Em 2017 fui aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para cursar Licenciatura em Química pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), *Campus* Professor Alberto Carvalho. O ingresso ocorreu por meio do sistema de cotas para candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta *per capita* igual ou inferior a 1,5 salário mínimo e que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Logo nos primeiros dias de aula, percebi que apesar de ter me dedicado aos estudos na Educação Básica, possuía muita dificuldade em compreender os conceitos abordados. Assim, vieram as notas baixas, reprovações, dificuldades financeiras, além da pressão psicológica.

Durante o segundo período letivo da Licenciatura em Química no ano de 2018, estava decidida a trancar o curso, pois não tinha mais condições de arcar com as despesas diárias. Foi então que surgiu a oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o qual me ofereceu a oportunidade de continuar no curso, uma vez que a bolsa oferecida pelo programa me auxiliaria com as despesas com transporte e alimentação. Além disso, através da minha participação no PIBID aprimorei minha metodologia de estudos, melhorando assim o meu desempenho no curso.

Após sua implementação e consolidação no cenário nacional, diversos trabalhos foram publicados sobre o PIBID. Para o contexto local, as pesquisas realizadas no âmbito do PIBID/Química do *Campus* Professor Alberto Carvalho mostram que o programa contribui para o processo de ensino e aprendizagem nas escolas (SANTOS et al., 2020; LIMA, 2020) a formação continuada dos supervisores (OLIVEIRA, 2020; TEIXEIRA et al., 2020) e a formação inicial dos licenciandos (TEIXEIRA, 2020; ARAUJO, 2021; GAMA, 2021).

De modo geral, os trabalhos citados acima apresentam benefícios do PIBID para a formação dos envolvidos. No caso dos alunos da Educação Básica, as intervenções despertam

o interesse do aluno em participar das atividades educativas e, conseqüentemente, promovem uma maior compreensão dos conteúdos abordados. Além disso, possibilita encontros dialógicos entre supervisores, coordenador de área e licenciandos o que pode funcionar como formação continuada para os supervisores, visto que eles normalmente não participam desse tipo de atividade em outros momentos de suas carreiras. Quanto a formação dos licenciandos, os benefícios são relacionados a construção dos saberes docentes, ao amadurecimento do viés investigativo, além da contribuição para permanência no curso (SANTOS et al., 2020; LIMA, 2020; OLIVEIRA, 2020; TEIXEIRA et al., 2020; TEIXEIRA, 2020; ARAUJO, 2021; GAMA, 2021).

Para Massena e Cunha (2016, p. 215), o PIBID, enquanto política de formação, não contribui apenas para a aproximação da universidade com as escolas, mas também com o “sistema educativo como um todo”. As autoras salientam que a vivência no programa permite tanto reflexões acerca dos processos formativos empreendidos e produzidos, quanto dos saberes reconhecidos pelos professores formadores. Além disso, afirmam que a relação do PIBID com o desenvolvimento profissional dos professores formadores ainda não recebeu o destaque necessário para se compreender as implicações do programa em sua formação.

Para Anjos e Santos (2016), a pouca atenção destinada a formação dos professores formadores pode estar relacionada ao descaso com a docência, ao baixo prestígio das licenciaturas e ao fato de ser dada maior importância às disciplinas científico-disciplinares do que as disciplinas didático-pedagógicas (ANJOS; SANTOS, 2016). Fundamentando essa linha de pensamento, Dotta (2010) traz uma reflexão acerca da hierarquia existente no âmbito das universidades, onde a produção científica é colocada em um nível de maior prestígio em relação a atividade docente. Segundo a autora, essa ideia é reforçada através de publicações no campo de conhecimento específico, nas quais os pesquisadores desenvolvem uma identidade especializada, em detrimento da atividade docente.

No contexto da Universidade Federal de Sergipe, uma busca realizada no Repositório Institucional da UFS permitiu identificar que as pesquisas até então desenvolvidas sobre o PIBID focam principalmente em analisar seu papel na formação inicial dos licenciandos, dos alunos da Educação Básica e formação continuada dos supervisores. Desta forma, fica claro que há uma amplitude de trabalhos sobre o PIBID, porém, estes trabalhos não investigam a relação entre o programa e a formação dos professores formadores.

Vale ressaltar que, dos trabalhos encontrados no Repositório Institucional da UFS, Lima (2018) merece destaque por abordar algumas mudanças ocorridas no PIBID desde sua implementação. Tais mudanças estão relacionadas com o número de bolsistas. Nos primeiros

editais as vagas por curso e subprojeto não era tão alta. Uma expansão ocorreu no edital de 2014, com oportunidades para ampliação no número de bolsas em todas as modalidades (iniciação à docência, supervisor e coordenador de área). No edital de 2018, porém, houve uma ampliação do número de pibidianos sob orientação de um único coordenador de área, cada subprojeto tinha um total de 24 bolsistas e 6 voluntários, o que repercutiu na dificuldade em orientar um grupo tão grande (LIMA, 2018; BRASIL, 2018).

Sobre esta questão, Reis (2017, p. 119) traz um fato curioso, em que um(a) pibidiano(a) discorda do número de bolsas ofertadas pelo programa com a justificativa de que “isso sobrecarrega muito os formadores, eles possuem muito aluno e agente não tem a contribuição necessária deles”. O relato apresentado demonstra uma insatisfação por parte dos pibidianos em relação a estrutura do PIBID, visto que, o número de bolsistas sob orientação do coordenador de área acaba gerando uma sobrecarga do formador e, conseqüentemente, não há uma orientação adequada para o grupo. Este, é um fator que interfere negativamente nos objetivos do PIBID, uma vez que pode comprometer o desempenho dos participantes no programa.

Com o intuito de manter e/ou elevar a qualidade nas orientações dos pibidianos, o subprojeto de Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho desde o edital de 2018, adotou a seguinte logística: I) divisão do grupo de pibidianos em duplas; II) o coordenador de área ficaria responsável pela orientação geral do grupo e também pela orientação das duplas; III) 10 professores formadores do curso atuariam como colaborador do projeto, sendo responsáveis por orientar as demais duplas; IV) Os 3 professores da Educação Básica assumiriam a função de coorientação das duplas em regime de colaboração com o coordenador de área e colaboradores (LIMA, 2020; LIMA et al., 2022).

Pessoalmente, acredito que há três considerações a serem destacadas, pois, enquanto ex participante do PIBID, posso afirmar que: 1) durante os 18 meses de participação no programa desenvolvi uma oficina temática, publiquei um resumo em revista, além de apresentar outro em evento do próprio *campus*. Desenvolvi também um artigo, o qual foi apresentado no 20º Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ), no qual tive a oportunidade de adquirir experiência como coordenadora de sessão; 2) em todo esse processo fiz dupla com uma colega e fomos acompanhadas e orientadas por um professor da Educação Básica e um professor formador; 3) a logística adotada pelo subprojeto de Química do DQCI permite que um maior número de professores formadores oriente os pibidianos, fazendo com que estes professores se encontrem intrinsecamente envolvidos com as atividades desempenhadas no subprojeto.

Diante disso, e considerando que há uma carência de estudos que analisam o papel desempenhado pelo PIBID na formação dos professores formadores, é importante se questionar se além de ter contribuído para a minha formação, o programa também contribuiu para a formação dos demais envolvidos, em especial o professor formador. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca responder a seguinte questão: a participação como orientador dos pibidianos de Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho desempenha algum papel na formação dos professores formadores?

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo geral**

Investigar o papel do PIBID na formação de professores formadores do curso de Química Licenciatura da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho.

### **2.2 Objetivos específicos**

Analisar o perfil acadêmico-profissional dos professores formadores que atuaram como orientadores no edital do PIBID de 2018.

Compreender se reflexões acerca da atividade docente foram promovidas aos professores formadores por meio da sua participação como orientadores no PIBID.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Formação de professores de Química

A educação, enquanto produto de transformações políticas, econômicas e sociais, vem passando por transformações ao longo dos anos. Para compreender os impactos decorrentes das mudanças na legislação para os cursos de Licenciatura em Química, Santos, Lima e Junior (2020) analisaram a estrutura curricular de duas instituições de Ensino Superior. Os resultados da pesquisa apontaram que os cursos de Licenciatura em Química de ambas instituições possuem 99% do corpo docente caracterizado pela formação em Bacharelado. Além disso, apenas alguns docentes se dedicam a pesquisa em ensino de Química e um número menor ainda tem experiência com a Educação Básica.

Diante do exposto, observa-se que embora se tratando de cursos de licenciatura, a presença de docentes bacharéis é predominante, dando a entender que para exercer a docência basta ter conhecimento técnico e transmiti-lo. Esta forma de conceber o ensino, pode estar intrinsecamente relacionada com a antiga estrutura curricular dos cursos, pois, como os autores relatam em sua pesquisa, a licenciatura era tida como uma complementação dos cursos de Bacharelado, afirmando assim uma concepção de ensino tecnicista (SANTOS; LIMA; JUNIOR, 2020).

Esse tipo de concepção é alvo de diversas críticas, uma vez que considera o professor como um técnico. Isto é, o professor é visto como um profissional que exerce sua profissão de modo instrumental, baseado na solução de problemas por meio de conhecimentos técnicos. É importante ressaltar que a crítica não se deve ao domínio do conhecimento técnico, afinal isso é crucial para evitar a propagação de conceitos equivocados. No entanto, apenas o conhecimento técnico não é suficiente para promover uma boa formação (FERNANDES, 2016).

Para Maldaner (2006), a crítica está relacionada a divisão de conhecimentos que existe no âmbito dos cursos de licenciatura, mais especificamente da Licenciatura em Química. Para o autor, o ensino de disciplinas para a formação pedagógica não está atrelado àquelas para a formação técnica, fato este que pode gerar um vazio na mente do professor, pois, saber o conhecimento de base científica é diferente de saber mediá-lo para promover um ensino que tenha significado para os alunos (MALDANER, 2006).

Desta forma, as situações práticas parecem fugir das situações vistas na teoria. Esta dicotomia entre teoria e prática deriva da racionalidade técnica, a qual concebe o

conhecimento profissional como um resultado do conhecimento instrumental, produzido por instituições superiores distanciadas da realidade do mundo. Enquanto essas instituições são vistas como produtoras de conhecimento, aquelas de *status* inferiores são vistas como aplicadoras e, portanto, devem devolver problemas práticos para que as superiores possam produzir novos conhecimentos isolados e, desta forma, fora da realidade cotidiana (MALDANER, 2006).

Fernandes (2016, p. 34), destaca que a racionalidade técnica “parece estar presente em diferentes níveis de ensino”. A autora problematiza a presença no Ensino Superior, pois, quando o professor formador adota uma prática docente baseada na racionalidade técnica, provavelmente está reproduzindo o ensino que recebeu em sua formação, ao passo em que está formando futuros professores. Ao adotar tal prática, está contribuindo para a perpetuação da educação baseada no modelo tecnicista. Além disso, reafirma a hierarquia existente no âmbito das universidades, onde os conhecimentos científico-disciplinares são considerados superiores em relação aos da docência.

É importante ressaltar que a docência exige um conhecimento aprofundado tanto científico-disciplinar quanto didático-pedagógico. Para o caso da pesquisa especializada, esta não exige um conhecimento didático-pedagógico aprofundado, dando a entender que quem sabe fazer, sabe ensinar. Vale destacar que, como é citado por Dota (2010, p. 67), “ensinar é uma tarefa tomada pela complexidade” não podendo ser reduzida a uma mera forma de transmitir conteúdo. Sendo assim, é importante que o professor formador não seja apenas pesquisador específico, mas busque também tornar-se pesquisador reflexivo de suas práticas docentes, conciliando teoria e prática.

Segundo Lima (2011), os principais empecilhos para que o professor formador se torne pesquisador reflexivo de sua prática docente são:

A sua falta de preparo para lidar com os problemas da sala de aula; os modelos de formação inicial que se aproximam das características do curso de bacharelado; a concepção do professor como técnico; e o distanciamento entre escola e universidade, pesquisa e ensino, teoria e prática (LIMA, 2011, p. 16).

Todas essas limitações estão fortemente relacionadas com a formação inicial destes professores. Quando a formação não possibilita ao professor vivenciar momentos em sala de aula e, com isso, refletir sobre suas experiências, seu futuro desempenho da atividade docente pode ficar comprometido. Embora o modelo de formação 3 + 1 tenha sofrido diversas modificações, este se fez vigente por algum tempo em cursos de formação de professores de Química, através do qual os estágios eram vistos como um complemento da formação

específica. Segundo Fernandes (2016), isso reafirmou a racionalidade técnica e a separação entre teoria e prática, contribuindo assim para a concepção do professor como técnico, bem como o distanciamento entre as instituições de ensino dos níveis básico e superior, além da não articulação entre conceitos científico-disciplinares e didático-pedagógicos.

Para Santos, Lima e Junior (2020), a Licenciatura em Química deixou de ser vista como um complemento do curso de bacharelado a partir de 2002 quando novas diretrizes para os cursos de licenciatura foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. Desde então, os currículos da licenciatura apresentaram maior autonomia em relação a elaboração desvinculada do bacharelado, dando ênfase ao desenvolvimento conjunto de conceitos específicos e pedagógicos. No entanto, as consequências da formação pautada na racionalidade técnica, representada pelo modelo 3 + 1, não foram extintas tão rapidamente, visto que, provavelmente essa foi a formação recebida por boa parte dos professores formadores em exercício.

### **3.2 Formação continuada**

No que diz respeito a formação do professor de Química, Lima (2011) afirma que os profissionais formados através de um modelo de ensino caracterizado pela racionalidade técnica, encontrarão dificuldade em desenvolver uma atividade docente diferente daquela recebida. Destacando assim a influência do processo de formação para a construção da identidade docente do professor.

Pensando na melhoria do processo de ensino e aprendizagem, é importante destacar que a formação não deve terminar junto com a graduação, pois, como Freire (2002) defende, o ser humano é considerado um ser inacabado e, estando inserido em uma realidade igualmente inacabada, se encontra em um constante processo de construção do conhecimento. Sendo assim, a prática docente deve ser vista como uma busca permanente pelo aperfeiçoamento. Desta forma, vale a pena se pensar e falar sobre formação continuada de professores formadores como uma forma de romper com as lacunas deixadas durante o período de graduação e pós-graduação.

Oliveira (2020, p. 13) afirma que o professor não pode se limitar apenas à formação inicial, mas “buscar qualificar-se cada vez mais, para progredir tanto no seu conhecimento pessoal como na sua prática profissional”. É importante refletir sobre essa afirmação, pois a qualificação em questão não se trata apenas de cursos de pós-graduação, os quais muitas vezes contribuem para aumentar as lacunas deixadas durante a graduação no que diz respeito a atividade docente. Se durante a graduação, o licenciando desenvolveu pesquisas

relacionadas a área de conhecimentos científico-disciplinar, é provável que a sua pós-graduação siga a mesma linha de pesquisa. Assim, o professor em questão dedica-se cada vez mais a pesquisa específica à medida em que se afasta da pesquisa em ensino. Desta forma, há uma tendência em reforçar a hierarquia onde a pesquisa específica é considerada de maior prestígio em relação à docência (ANJOS; SANTOS 2016; DOTTA, 2010).

Nesse contexto, a formação continuada de professores, independentemente do nível de ensino no qual atua, deve permitir que estes ampliem seus horizontes para além do currículo de forma que permita ao professor aprimorar sua atividade docente. Contudo, Rosa e Schnetzler (2003, p. 27) problematiza a forma como os cursos de formação continuada de professores de Ciências (Química, Física e Biologia) “tem se limitado a ações de “reciclagem” ou de “capacitação” de professores, geralmente em cursinhos de curta duração, nos quais não se rompe com a racionalidade técnica”.

Desta forma, as autoras destacam seu apoio a ideia de que, para superar a racionalidade técnica, é necessário que se estabeleça uma parceria colaborativa com as escolas, uma vez que estas podem ser concebidas como um local de “produção do conhecimento pedagógico”. Este tipo de parceria é fundamentado na interação entre os envolvidos, a partir da qual ambos assumem papéis específicos no processo de reflexão e intervenção na realidade (ROSA; SCHNETZLER, 2003, p. 28). Trazendo para o contexto do Ensino Superior, a parceria com as escolas da Educação Básica possibilita a interação entre os professores de ambos os níveis de ensino, permitindo assim que ambos assumam um papel de professor reflexivo de suas próprias práticas.

Levando em consideração que a formação continuada permite que o professor melhore sua prática educacional, (re)construa sua identidade docente e reflita sobre a realidade da sala de aula (OLIVEIRA, 2020), é importante voltar uma atenção para a formação continuada de professores formadores, buscando inseri-los em cursos ou programas que os permitam vivenciar e refletir sobre suas práticas docentes. Nessa perspectiva, o PIBID tem se apresentado como uma possibilidade para a formação continuada tanto para professores da Educação Básica, quanto para professores formadores, uma vez que, segundo Massena e Cunha (2016) o programa promove a aproximação do professor formador com a escola, estabelecendo assim uma parceria colaborativa, permitindo então que este indivíduo (re)pense sua prática docente.

### **3.3 PIBID e a formação continuada de professores formadores**

De acordo com Lima (2018); Oliveira (2020); Teixeira (2020); Araujo (2021) e Gama (2021), o PIBID surgiu na esfera nacional em 2007 através de edital publicado pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O objetivo do programa é antecipar o vínculo entre os licenciandos e a sala de aula, onde irão atuar futuramente, incentivando assim a carreira do magistério. Para isso, oferece bolsas de iniciação à docência para alunos do Ensino Superior, os quais se comprometem a atuar em escolas da Educação Básica da rede pública (BRASIL, 2018).

As contribuições do PIBID para a formação inicial de licenciandos e formação continuada dos supervisores é uma realidade. Tendo em vista que tais contribuições provêm do envolvimento desses participantes com o ambiente escolar e universitário, logo, foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de compreender se também há contribuições do programa para a formação dos professores formadores, uma vez que estes se encontram envolvidos no processo de orientação dos pibidianos e, conseqüentemente, acabam participando da interação universidade-escola

Para a realização do levantamento bibliográfico, optou-se pelo Portal de Periódicos da CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), pois estas plataformas permitem realizar uma busca avançada, através da qual é possível realizar o cruzamento de palavras-chave. A busca também foi realizada no Repositório Institucional da UFS e no site do DQCI, uma vez que tem relação direta com o contexto de pesquisa. As palavras-chave utilizadas em todas as plataformas foram as seguintes: professor formador; PIBID; Química.

Utilizando o cruzamento das palavras-chave, no Portal de Periódicos da CAPES foram encontrados 64 resultados. No SciELO não foram encontrados resultados para a busca. Na BDTD, foram identificados 18 resultados e no Repositório Institucional da UFS, não foram encontrados resultados. Para o site do DQCI buscou-se a aba de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) e através do comando “Ctrl + F” foi inserida uma palavra-chave por vez, não encontrando resultados para a palavra-chave “professor formador”, enquanto que, para “PIBID” e “Química” foram encontrados 6 e 31 resultados, respectivamente. Os resultados foram selecionados através do título e, posteriormente, dos resumos. Após a seleção, apenas os trabalhos dispostos na Tabela 1 apresentaram relação direta com o tema desta pesquisa.

**Quadro 1** – Mapeamento das publicações relacionadas com o tema de pesquisa

Plataforma	Título	Autores	Ano
------------	--------	---------	-----

<b>Periódicos da CAPES</b>	1- O PIBID e o desenvolvimento profissional do formador de professores de Química.	ANJOS, Shirlei Lima dos; SANTOS, Bruno Ferreira dos	2016
	2- O potencial formativo do PIBID pela perspectiva dos formadores de professores.	MASSENA, Elisa Prestes; CUNHA, Maria Isabel da.	2016
<b>BDTD</b>	1- Percursos formativos, profissionais e as práticas dos docentes coordenadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID.	ALMEIDA, Valeska Carvalho	2015
	2- A Formação dos formadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).	CORRÊA, Carla Patrícia Quintanilha	2017
	3- O desenvolvimento profissional dos formadores de professores de Química na interação entre universidade e escola: as potencialidades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.	FERNANDES, Carolina dos Santos	2016

**Fonte:** Autoria própria

Todos os trabalhos focam em analisar as trajetórias formativas dos professores formadores e as contribuições do PIBID para a formação dos coordenadores de área. Os resultados das pesquisas mostraram que o envolvimento destes formadores com o processo de orientação dos pibidianos permitiu a vivência de momentos inéditos em suas formações. Essas experiências se deram principalmente por meio da interação com a escola, a qual muitas vezes é reduzida a um ambiente somente de prática, deixando a teoria sob responsabilidade das universidades.

Os contextos e situações diferentes daqueles vivenciados nas instituições de Ensino Superior, permitiu que os formadores compreendessem que o ambiente escolar é também um espaço de aprendizado, no qual é possível conhecer novas intervenções, comportamentos, posturas, trabalho coletivo. Sendo assim, o formador aprende principalmente a refletir sobre suas práticas, iniciando assim um processo de reconstrução da identidade docente.

Desta forma, os trabalhos apresentam o potencial formativo do PIBID e sua capacidade de formação continuada dos formadores, pois contribui para o rompimento da racionalidade técnica uma vez que é capaz de agregar conhecimentos específicos e pedagógicos além de promover a aproximação dos formadores com a realidade escolar. Os trabalhos também trazem a necessidade de se especificar a formação continuada dos

formadores nos objetivos e metas do PIBID, para que assim esse processo possa ser realizado de forma mais efetiva.

## 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em questão foi desenvolvida seguindo a abordagem qualitativa, a qual se trata de uma pesquisa baseada em diferentes estratégias de investigação e na interpretação, sendo que o pesquisador geralmente se encontra “envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (CRESWELL, 2010, p. 211).

Essa relação entre pesquisador e participante resulta em uma série de questões estratégicas, éticas e pessoais. Além disso, não leva em conta apenas o fenômeno em questão no qual o participante está inserido, mas também o contexto a partir do qual o fenômeno se desenvolve, as experiências passadas, a fim de proporcionar uma maior compreensão do que está sendo abordado na pesquisa (CRESWELL, 2010).

Levando em consideração que “a ideia que está por trás da pesquisa qualitativa é a seleção intencional dos participantes ou dos locais [...] que melhor ajudarão o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa” (CRESWELL, 2010, p. 212), selecionou-se intencionalmente os participantes e o local de pesquisa apresentados a seguir.

### 4.1 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no *Campus* Professor Alberto Carvalho, centro universitário inaugurado em 2006 na cidade de Itabaiana, interior do estado de Sergipe, sendo resultado da política de expansão e interiorização das instituições federais. No *Campus* são ofertados três cursos de pós-graduação e dez cursos de graduação, sendo três bacharelados e sete licenciaturas, dentre estas, a Licenciatura em Química. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2022).

Atualmente, o Departamento de Química (DQCI) conta com um total de 12 docentes, os quais desenvolvem pesquisas nas áreas de Ensino de Química, Química Analítica, Físico-Química, Química Inorgânica e Química Orgânica.

Das pesquisas realizadas na área de ensino, diversas são aquelas que estão relacionadas com o PIBID. Estas buscam investigar a contribuição do subprojeto para a melhoria do ensino-aprendizagem dos alunos da Educação Básica; para a formação inicial dos licenciandos; para a formação continuada dos supervisores e para reduzir a evasão do curso. Entretanto, ainda não havia sido desenvolvida uma pesquisa que investigasse a contribuição do subprojeto para a formação dos professores formadores que desempenham o papel de orientadores dos pibidianos.

Nesse contexto, o DQCI conta com boa parte do seu corpo docente envolvida no processo de orientação dos pibidianos e, conseqüentemente, com as atividades desenvolvidas pelo PIBID/Química, as quais incluem: desenvolvimento de material didático; intervenções nas escolas públicas de Educação Básica, além de elaboração de trabalhos completos e resumos.

#### **4.2 Participantes da pesquisa**

A pesquisa foi realizada com quatro professores formadores das áreas de conhecimentos específicos do curso de Licenciatura em Química, que atuaram como orientadores no edital do PIBID de 2018. A razão para se trabalhar com os orientadores deste edital se deu, pois, foi a partir do edital de 2018 que se estabeleceu uma parceria entre os professores formadores do DQCI para que estes passassem a atuar como orientadores dos pibidianos.

Destacamos que os dados utilizados na pesquisa foram consentidos por cada participante através de um termo de consentimento (Anexo I). Para a preservação da identidade dos participantes, criou-se códigos que foram designados para cada participante através de um sorteio.

Desta forma, ao decorrer desta pesquisa os participantes serão citados como PF01, PF02, PF03 e PF04. É importante destacar que, os participantes desta pesquisa não chegaram a atuar como coordenadores de área do subprojeto do PIBID. Os mesmos foram “apenas” orientadores e desempenharam esse papel em parceria com o coordenador de área e o supervisor, sendo que, para alguns, foi a sua primeira experiência em orientar pibidianos.

#### **4.3 Instrumento de coleta de dados**

Para esta pesquisa, optou-se pela entrevista como instrumento de coleta de dados. Uma vez que se trata de um instrumento de natureza interativa, que permite tratar de temas complexos em sua total profundidade. Além disso, não requer uma estrutura complexa com todo um sequenciamento rígido de perguntas, tornando-se então semelhante a uma conversa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

Segundo os autores, neste tipo de coleta de dados o pesquisador está interessado em “compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana”. Desta forma, é uma excelente técnica de

instrumento de coleta de dados para ser utilizada em pesquisas qualitativas (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 168).

O tipo de entrevista utilizado nesta pesquisa foi a semiestruturada, na qual o pesquisador faz perguntas específicas, mas também deixa o participante livre para aprofundar sua resposta com seus próprios termos (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999).

O roteiro foi composto por 20 questões organizadas em três blocos, sendo eles: I) Perfil dos(as) participantes; II) Formação inicial dos(as) participantes; III) Atuação como professor(a) formador(a). O roteiro passou por um processo de validação e, após sua aprovação, as entrevistas foram realizadas via *Google Meet* e duraram em média 35 minutos, foram gravadas e posteriormente transcritas mantendo toda a originalidade e expressões das falas dos participantes. À medida que o material obtido foi sendo estudado, optou-se por utilizar a norma culta da linguagem, porém, o sentido original das falas dos participantes não foi modificado.

#### **4.4 Instrumento de análise de dados**

Os dados foram analisados seguindo a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (2016), a qual é vista como um conjunto de instrumentos metodológicos que podem ser utilizados na análise de diversos tipos de conteúdo. Esta possui uma metodologia de análise baseada em 5 itens, sendo estes: organização da análise; codificação; categorização; inferência e informatização da análise (BARDIN, 2016).

Para esta pesquisa, utilizou-se dos métodos referentes aos quatro primeiros itens. Desta forma, foi realizada uma primeira leitura dos dados brutos obtidos da transcrição das entrevistas. Em seguida, foi realizada a escolha dos documentos a serem analisados, portanto, foram recortados e descartados os trechos que não estavam relacionados com a pesquisa. Posteriormente, foi realizada a codificação para preservação da identidade dos participantes. Após a codificação, foram criadas categorias que estivessem relacionadas aos depoimentos de cada participante e, em seguida, as afirmações ou unidades de análise presentes em cada categoria foram interpretadas e discutidas, conforme é apresentado na seguinte seção.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A singularidade de cada indivíduo, por vezes, é refletida na sua forma de atuação, se considerarmos, por exemplo, que um profissional extrovertido terá mais facilidade em conquistar o público do meio no qual atua, quando comparado com um introvertido. Entretanto, quando se trata da atuação docente, isto não é suficiente, pois é necessário saber o que ensinar e como ensinar. Sendo assim, a formação vem no sentido de oferecer subsídios para que ambos os tipos de profissionais tenham a mesma capacidade de atuar em sala.

Compreende-se que, pelo fato de estarmos lidando com pessoas, há uma certa humanização da pesquisa, no entanto, não cabe a esta abordar os aspectos pessoais dos participantes, mas sim compreender a trajetória formativa que estes profissionais tiveram e, assim, relacionar com o papel desempenhado pelo PIBID na formação de cada um. Nessa perspectiva, esta seção tem o objetivo de apresentar o perfil dos participantes, levando em consideração a formação acadêmica e a atuação profissional, além de apresentar os reflexos do processo de orientação dos pibidianos para a formação dos participantes.

### 5.1 Perfil dos(as) professores(as) formadores(as)

Em relação a PF01, na formação inicial este(a) participante cursou um ano de Licenciatura em Química em uma instituição privada. Mas, não se identificou com o curso e mudou para bacharel em uma universidade pública, concluindo a graduação em 2002. Nesta mesma instituição, cursou o mestrado e doutorado em Química, obtendo as respectivas titulações em 2005 e 2009. Chegou a atuar como professor(a) substituto(a) em algumas turmas de ensino fundamental e médio. Em 2011, ingressou como professor(a) no curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho, no qual vem atuando desde então (11 anos). Em suas aulas, geralmente utiliza uma metodologia expositiva, porém, as vezes busca realizar atividades experimentais investigativas para responder aos questionamentos dos alunos. Além de participar do processo de orientação no PIBID, este(a) participante já colaborou em outros projetos voltados ao ensino, estando, atualmente, à frente de um destes.

Em relação a PF02, sua formação foi bacharel em Química e em universidade pública. Concluiu sua graduação em 1999 e, em seguida, fez mestrado, doutorado e pós-doutorado, obtendo os títulos em 2002, 2006 e 2008, respectivamente. Na Educação Básica, sua única experiência docente foi ministrando aulas de reforço para alunos do ensino médio em uma escola particular. Após finalizar o pós-doutorado, ingressou como professor(a) formador(a) no

curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho, no qual vem atuando desde então (14 anos). Durante este período, não chegou a se envolver em nenhum projeto de ensino além do PIBID. Entretanto, vem atuando em projetos de iniciação científica. Em suas aulas, sempre busca implementar algumas metodologias que fogem do ensino tradicional, por exemplo, já chegou a ministrar aulas seguindo a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL).

Em relação a PF03, na formação inicial cursou Licenciatura em Química em instituição pública e obteve o diploma em 2005. Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado em diferentes instituições, porém nenhuma delas foi privada. Recebeu os respectivos títulos em 2008, 2012 e 2015. Sua experiência com a Educação Básica se deu por meio do estágio supervisionado no último período da graduação, bem como, por meio da atuação docente em curso particular de pré-vestibular. Em 2015, ingressou como professor(a) formador(a) em uma universidade pública, na oportunidade, atuou durante dois anos. Desde 2017 atua no curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho (5 anos). Em suas aulas, tem buscado tornar o ensino mais dinâmico utilizando metodologias de ensino como o estudo de caso. Além de ter atuado na orientação de pibidianos, atualmente tem estabelecido parcerias em outros projetos de ensino de Química. Ademais, atua em projetos de iniciação científica.

Em relação a PF04, cursou Licenciatura em Química em universidade pública, concluindo a graduação em 2004. Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado, concluindo respectivamente em 2007, 2011 e 2015. Sua experiência com a Educação Básica se deu na formação inicial por meio do estágio supervisionado no último período da graduação. Em 2015, ingressou como docente no curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho e vem atuando até o momento (7 anos), sendo esta, sua única experiência com a docência. Geralmente utiliza uma metodologia expositiva, pois, segundo o(a) participante, as demandas burocráticas acabam interferindo no tempo em que deveria estar se dedicando ao planejamento de suas aulas. Durante sua atuação no curso, tem se envolvido em projetos de iniciação científica. Além da participação no PIBID, não chegou a se envolver com projetos relacionados ao ensino de Química.

A partir dos perfis apresentados, observa-se uma semelhança de formação entre PF01 e PF02, bem como entre PF03 e PF04. Os primeiros, possuem em comum a graduação em bacharel, enquanto os últimos compartilham a formação em licenciatura.

Com relação a atuação, PF01 chegou a atuar como professor(a) substituto(a) em todos os níveis da Educação Básica, enquanto PF02 atuou apenas com aulas de reforço que

eram “*uma ou outra questão para um ou dois alunos*” (PF02). Em outras palavras, ao ingressar como professor(a) formador(a) no Ensino Superior, PF01 já possuía conhecimento do que é estar à frente de uma sala de aula com diversos alunos. Vale ressaltar que PF01 cursou um ano de licenciatura, no entanto, não chegou a cursar as disciplinas de ensino que dariam direito ao título de licenciado(a). Desta forma, assim como PF02, a experiência docente de PF01 foi inteiramente na prática.

Através dos perfis de PF03 e PF04, observa-se que, apesar do curso de formação inicial de ambos ter sido a licenciatura, estes participantes só tiveram contato com a Educação Básica no último período da graduação. Logo, esta formação é caracterizada como o modelo 3 + 1.

É importante ressaltar que PF04 e PF03 iniciaram suas respectivas graduações em 2001 e 2002. Sendo assim, o modelo curricular dos cursos de Licenciatura em Química ainda funcionava como uma complementação do curso de bacharelado, pois priorizavam as disciplinas científicas/disciplinares em relação as disciplinas voltadas ao ensino.

Essas afirmações vêm ao encontro do que Santos; Lima e Junior (2020), Anjos e Santos (2016), Fernandes (2016), Dotta (2010) e Maldaner (2006) destacam a respeito dos cursos de formação de professores de Química que, geralmente, priorizavam os conhecimentos técnicos, estimulando assim os futuros professores a seguirem a linha de pesquisas científicas. Além disso, criticam o fato de bacharéis atuarem como formadores de futuros professores, pois, isso estimula o reducionismo da atividade docente a ideia de que quem sabe fazer, sabe ensinar.

De fato, a partir dos perfis apresentados, nota-se uma predominância da atuação em projetos de iniciação científica, sendo o PIBID o principal projeto de ensino no qual os(as) participantes atuaram. Entretanto, em relação ao reducionismo da atividade docente por parte dos(as) professores(as) bacharéis não é evidente, visto que, tanto PF01 quanto PF02 buscam realizar um ensino horizontal, fazendo uso de recursos didáticos, abrindo espaço para questionamentos, realizando atividades investigativas e até mesmo implementando a metodologia PBL. Esta “exceção a regra” pode estar relacionada com o tempo de atuação destes dois profissionais (acima de 10 anos), o que permite a troca de conhecimentos com os colegas de trabalho da área de ensino, como fica explícito nas falas dos participantes:

*“Quando me pediram pra orientar o primeiro TCC, eu falei assim ‘gente eu não sei essa área de ensino’. Então, eu estabeleci uma parceria com um coorientador da área de ensino e, a partir disso, hoje eu já consigo ter uma visão a respeito da área de ensino” (PF01).*

*“Acabei aprendendo ao decorrer do tempo, mas isso foi graças a estudos e certas interações com os professores de ensino de Química que foram fundamentais nessa parte” (PF02).*

As afirmações dos(as) participantes expressam o que Maldaner (2006) chama de formação ambiental, ou seja, aquilo que se aprende com o meio no qual determinadas ideias transitam naturalmente. Embora o autor aponte que isto não é suficiente para a (re)criação pedagógica, ele reconhece que esta interação acaba contribuindo para a reflexão inicial da prática docente.

## 5.2 Desenvolvimento de pesquisa em ensino de Química

Esta subseção aborda o contato dos participantes com a Pesquisa em Ensino de Química (PEQ). A partir dos dados obtidos foi possível criar as categorias apresentadas no Quadro 2.

**Quadro 2** – Contato com a pesquisa em Ensino de Química

<b>Categorias</b>	<b>Unidade de análise</b>	<b>Frequência</b>
Durante a graduação	<i>No estágio, a gente desenvolveu um projeto, fez a contextualização, aplicou na escola e defendeu o TCC (PF03)</i>	2
Por meio da orientação de TCC	<i>Da área de ensino, orientei os TCC (PF01)</i>	10
Por meio da orientação PIBIC	<i>No PIBIC, cheguei a desenvolver um trabalho voltado ao ensino (PF04)</i>	2
Por meio de outros programas	<i>Agora eu estou orientando o pessoal do AP. Eu ajudei a [nome da coordenação do RP] a orientar algumas meninas no RP e no PROLICE (PF01)</i>	5

**Fonte:** Autoria própria

Na categoria “*durante a graduação*”, observa-se que apenas PF03 e PF04 tiveram contato com a PEQ durante a graduação. Isso é de se esperar, pois os demais participantes cursaram bacharelado. O que chama atenção nas falas dos(as) participantes é a carência de PEQ nos cursos de licenciatura. Além disso, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) era algo vinculado à disciplina de estágio, limitando assim que os futuros professores investigassem diferentes temáticas. Este é um fato que difere da realidade do curso no qual estes(as) formadores(as) atuam, uma vez que o DQCI conta com duas disciplinas exclusivamente direcionadas a elaboração do TCC e a própria atividade compõe o currículo.

*“A gente desenvolvia um projeto, aplicava para o Ensino Básico e relatava a experiência através do TCC” (PF04).*

Em relação a categoria *“Por meio da orientação de TCC”*, compreende-se que tanto PF01 quanto PF02 e PF04 tiveram contato com a PEQ por meio da orientação de diferentes trabalhos de conclusão de curso. Inclusive, na fala de PF02 observa-se que o desenvolvimento da PEQ só ocorreu devido a uma exigência da disciplina de TCC.

*“Acabei desenvolvendo alguns trabalhos na área de ensino devido ao aspecto da disciplina de TCC” (PF02).*

*“Da área de ensino, já orientei acima de 2 trabalhos de conclusão de curso” (PF04).*

Diferentemente destes participantes, na fala de PF03, observa-se que sua experiência com a PEQ por meio da orientação de TCC é mais reduzida.

*“TCC é a minha tristeza, porque estou aqui há 5 anos e estou com meu primeiro aluno de TCC” (PF03).*

Isso pode estar relacionado ao curto tempo de atuação deste(a) profissional no curso, quando comparado aos demais. Também pode estar relacionado a alguma questão de interesse pessoal dos alunos em trabalhar com temas que fogem da área de atuação deste(a) professor(a).

Vale ressaltar que, o processo de orientação contribui justamente para o envolvimento dos participantes com diferentes temáticas. Desta forma, trabalhar em determinada pesquisa com um(a) professor(a) que não esteja tão familiarizado com a área, permite um enriquecimento mútuo de conhecimento.

Quando compreendemos que a interação com o outro contribui para a (re)significação da prática docente, entendemos também que a política de exclusão interfere negativamente na evolução do excluído. Sendo assim, é importante que os professores formadores tenham a oportunidade de atuar cada vez mais como orientadores, para que assim ampliem suas linhas de atuação e evoluam cada vez mais através de um processo de reflexão da prática docente.

A partir da fala de PF04 apresentada na categoria *“Por meio da orientação PIBIC”* compreende-se que este(a) foi o(a) único(a) participante que chegou a desenvolver pesquisa em ensino dentro de um programa voltado à iniciação científica. Isto pode ter ocorrido devido a percepção da necessidade de se voltar uma atenção aos trabalhos pedagógicos, já que se está atuando em um curso de licenciatura, pois, como o(a) próprio(a) participante comenta em outro momento sobre o desenvolvimento de trabalhos em ensino

*“A formação dos nossos alunos é licenciatura. Então, é uma forma de aproximar para que a gente tenha o mesmo diálogo, a mesma conversa” (PF04).*

Há ainda alguns pontos a serem destacados em relação ao fato de PF04 ter desenvolvido trabalho de ensino no PIBIC: I) não foi especificado se isso ocorreu antes ou após a participação deste(a) formador(a) no PIBID. Portanto, este interesse em se trabalhar com a área de ensino pode ter surgido a partir de sua participação no programa; II) pode ser um reflexo de algo discutido em sua formação inicial, uma vez que este(a) participante cursou licenciatura; III) pode ter ocorrido devido a reflexões criadas a partir da sua “formação ambiental” (MALDANER, 2006, p. 65).

Em relação a categoria “*Por meio de outros programas*” observa-se a partir da fala de PF01 que, apesar deste(a) participante ter uma formação de bacharelado, ele(a) tem se envolvido em diferentes programas de ensino. Isto é um indicativo de que tal participante, assim como PF03, tem buscado atender a necessidade de deixar de ser especialista de algum conceito, para se tornar professor desse mesmo conceito, afinal ser professor é uma tarefa complexa que exige domínio tanto dos conhecimentos científicos quanto dos conhecimentos pedagógicos (DOTTA, 2010). Como a formação destes(as) professores(as) priorizou os conhecimentos científicos, o envolvimento com os programas de ensino é uma forma de minimizar as lacunas existentes em sua formação, uma vez que estes programas permitem uma articulação entre estes conhecimentos.

*“Eu sou coordenador(a) adjunto(a) do AP” (PF03).*

Já na fala de PF03, observa-se a partir do termo “*adjunto*” que o envolvimento deste(a) formador(a) com o programa de ensino em questão, se deu por meio de uma parceria com outro colega de trabalho. Para Dotta (2010), a interação estabelecida com o outro acaba promovendo um encontro de diferentes contextos profissionais. A partir desse conjunto, se estabelece uma linguagem ou formas de ação comum a todos, o que contribui para a constituição da identidade profissional coletiva. Desta forma, quando estes(as) professores(as), que geralmente se encontram envolvidos com a pesquisa científica, estabelecem parcerias com aqueles que atuam na área de ensino, eles passam a falar a mesma linguagem, e essa não se limita apenas ao saber, mas abrange também o ensinar e o saber como ensinar.

### **5.3 Reflexos a partir da participação no PIBID como orientador**

Nesta seção, será analisado como o PIBID contribui tanto para a formação dos(as) professores(as) formadores(as), quanto para a ressignificação da prática docente, além da influência nas linhas de pesquisa e a aproximação com a Educação Básica.

**Quadro 3** – Reflexos do PIBID para os(as) professores(as) formadores(as)

<b>Categorias</b>	<b>Unidade de análise</b>	<b>Frequência</b>
Impacto na própria formação	<i>A orientação no PIBID veio para complementar a minha própria formação, porque eu sou professor(a), mas professor(a) do Ensino Superior que teve formação de bacharelado, que não tinha essa característica humanística de metodologia. Então o PIBID veio complementar essas lacunas e eu vejo como isso veio agregar mais ainda esse lado que eu não tinha. (PF02)</i>	30
Ressignificar a prática docente	<i>À medida que você vai participando de uma orientação PIBID, quando o aluno te traz alguma ideia, informação escrita, oficina, você para e diz “oxe, eu posso usar isso, eu posso fazer isso”. Então você sai daquela avaliação descritiva, tradicional e cria outras formas de avaliar. (PF03)</i>	13
Nas linhas de pesquisa	<i>Eu cheguei aqui com uma linha de pesquisa que eu não via atrelada ao ensino de Química, então comecei a estudar outra linha de pesquisa e hoje eu consigo imaginar diversas temáticas pra trabalhar com ensino. Então, a orientação em si, amplia sua janela de atuação enquanto profissional, tanto na parte de ensino, como na parte de pesquisa, enfim, diversos segmentos. (PF03)</i>	13
Conhecimento sobre a docência na Educação Básica	<i>O que eu achei mais interessante no PIBID foi o fato de ir para a sala de aula. Agora eu vejo o desafio do que é ser um professor do Ensino Básico e foi o PIBID que me deu essa visão, porque eu dava aula de reforço, era um ou dois alunos, era uma ou outra questão. Mas, quando você vai para a escola com todos aqueles alunos falando ao mesmo tempo, aquele controle que você tem que ter da sala de aula... no primeiro momento eu senti um certo impacto e vi o quanto nós, professores do Ensino Superior, somos privilegiados por pegar o produto lapidado. (PF02)</i>	13

**Fonte:** Autoria própria

Na categoria “*Impacto na própria formação*”, apresentada no Quadro 3, observa-se pela fala de todos os participantes que o processo de orientação no PIBID, contribuiu de alguma forma para a melhoria da formação destes(as) profissionais.

*“Eu aprendi muito, porque quando a gente orienta, temos que saber daquilo que estamos falando. Quando a gente pouco orientou, pouco sabemos passar, porque é com as experiências que a gente vai vendo onde melhorar. Além disso, minha experiência no PIBID me deu mais confiança. Se eu não tivesse tido esse contato, eu não pegaria o PROLICE para coordenar” (PF01).*

*“Eu aprendo bastante com o PIBID, porque eu via o quanto de atualização você também quanto orientador consegue obter em relação às temáticas. É importante você contextualizar para você sair da linha tradicionalista. Contudo, a contextualização deve estar atrelada ao conhecimento químico” (PF03).*

*“É um aprendizado muito grande porque a gente, como docente, precisa estudar, aprender, compreender muitas coisas que a gente não vivenciou em nossa formação, principalmente no nosso mestrado e doutorado” (PF04).*

A partir da fala de PF01, é possível observar que o PIBID contribuiu com a construção do saber da experiência, que, segundo Pimenta (2005), é o saber construído no cotidiano docente a partir de um processo constante de reflexão da sua própria prática, mediada pela de outros, sejam colegas de trabalho ou referenciais teóricos. Além disso, contribuiu também para que este(a) formador(a) ganhasse autonomia para estar à frente de outros programas de ensino, mesmo tendo uma formação de bacharel.

A fala de PF02 é interessante, pois mostra o potencial formativo do PIBID para todos os envolvidos (MASSENA; CUNHA, 2016). Um fator importante a ser refletido é que, se olharmos para o perfil de PF02, perceberemos que ele(a) vem atuando há muito tempo no curso (14 anos) e, somente a partir de sua participação no PIBID, é que ele(a) pode preencher algumas lacunas que até então existiam em sua formação.

Quando o(a) participante ressalta que é *“professor(a) do Ensino Superior que teve formação de bacharelado”*, é possível estabelecer uma relação com as ilusões que geralmente são criadas nos cursos de formação, neste caso, a ilusão de que *“eu sei o assunto, conseqüentemente, eu sei o fazer da matéria”* (PIMENTA, 2005, p. 26). Este tipo de ilusão, pautada no conhecimento disciplinar e na experiência, não é suficiente quando se trata de ensinar, pois também são necessários os conhecimentos pedagógicos e didáticos. Desta forma, quando este(a) participante afirma que *“não tinha essa característica humanística de metodologia. Então o PIBID veio complementar essas lacunas”* ele(a) apresenta um indicativo de que o programa possibilitou a construção do terceiro saber abordado por Pimenta (2005), o saber pedagógico.

As falas de PF03 e PF04 se aproximam bastante da afirmação feita por PF02. O diferencial é que estes(as) participantes reconhecem que são seres *“condicionados”* ou *“inacabados”* (FREIRE, 2002, p. 23) ao afirmarem que há atualizações que sempre podem ser obtidas e, portanto, há a necessidade de estar sempre estudando, aprendendo. Além disso,

PF03 reconhece que é essencial sair da linha de ensino tradicional, pois esse inviabiliza a formação de cidadãos críticos. Também chama a atenção para a importância de se fazer um ensino no qual conceito e contexto andem lado a lado, evitando assim o protagonismo de um em detrimento de outro.

Em relação a categoria “*Ressignificar a prática docente*” é possível observar na fala de PF01 que a participação como orientador(a) trouxe um novo olhar acerca da sua prática docente, uma vez que houve mudanças com relação ao uso de atividades experimentais, buscando estratégias que promovem um maior protagonismo do aluno que, conseqüentemente, pode contribuir para uma aprendizagem mais significativa.

É importante ressaltar que os cursos de formação adotam a realização de experimentos em laboratórios, com roteiros fechados e tendo a finalidade de comprovar teorias ou chegar a elas de alguma forma (MALDANER, 2006). No entanto, a forma como PF01 diz realizar a experimentação, foge totalmente do padrão, pois é realizada a partir de algum questionamento que surge em sala de aula, ou seja, ocorre de uma forma espontânea buscando investigar algo observado por algum aluno. Isso mostra que PF01 tem buscado adotar uma prática democrática, dando liberdade para que os alunos possam expressar suas inquietudes (FREIRE, 2002).

*“Quando dá para introduzir alguma coisa que eu acho legal, eu introduzo. Mas, eu nunca coloquei uma oficina de PIBID. Geralmente utilizo experimentação investigativa, partindo de algum questionamento de aluno durante alguma aula” (PF01).*

*“Me fez pensar em que eu posso melhorar, enquanto professor(a), para dar uma boa aula, para fazer com que o aluno entenda por mais complexo que seja aquilo que estou explicando, que chegue ao aluno de maneira que ele consiga entender e aprender [...] já cheguei a dirigir uma turma baseada em PBL” (PF02).*

*“A gente acaba, de certa forma, tentando introduzir uma informação ou outra que a gente vem aprendendo nessa vivência, mas é pequeno, porque a gente não tem o tempo necessário para se dedicar as atividades em sala de aula, já que as atribuições burocráticas da instituição necessitam de maior agilidade” (PF04).*

Na fala de PF02, observa-se a preocupação deste(a) professor(a) em oferecer um ensino que tenha significado para o aluno. Isto é muito importante no processo de ensino e aprendizagem, pois, quando não há esta preocupação por parte do formador, o ensino torna-se algo metódico, pautado na transmissão-recepção. Neste modelo de ensino, não há um aprendizado real, pois, os alunos até são capazes de reproduzir determinado conhecimento por meio da memorização mecânica, porém, o que foi reproduzido logo será esquecido (FREIRE, 2002).

A fala de PF03 tem proximidade com a fala de PF02 no que diz respeito ao ensino que estes(as) formadores(as) desejam oferecer. Porém, enquanto PF02 se coloca como aquele que ensina, PF03 se coloca como aquele que aprende a partir da sua interação com os alunos.

A fala de PF04 é importante de ser destacada pois mostra o outro lado do ser professor formador, um lado que não lida apenas com o ensinar ou pesquisar, mas também com situações administrativas que, muitas vezes, acabam tomando a atenção que o professor poderia estar destinando a outras atividades essenciais para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, bem como da sua própria prática docente.

A partir do relato de PF03 apresentado na categoria “*Nas linhas de pesquisa*”, percebe-se como o PIBID foi importante no sentido de mostrar um leque de possibilidades de linhas de pesquisa que podem ser trabalhadas tanto no ensino, quanto nas áreas específicas. Isso pode se dar devido a produção dos materiais didáticos no formato de oficinas temáticas, que foram elaboradas partindo da contextualização.

*“Não mudei de área por me identificar, ensino não é a minha área, não é a minha praia, mas a gente vai de acordo com a necessidade. Eu me afastei e fiquei muito tempo sem produzir, isso enfraquece o currículo. Então, decidi trabalhar com a área de ensino porque é mais fácil ter recurso” (PF01).*

*“Eu gosto muito da área específica, em contrapartida, no dia a dia a gente vivencia mais a área de ensino. Também tem a questão que hoje é mais fácil ter um aluno que trabalha com a área de ensino do que PIBIC, porque PIBIC a gente não tem bolsa” (PF04).*

Em relação a fala de PF01, observa-se que há um maior interesse pela área científica. Isto pode ser resultado da sua formação, como é apontado por Anjos e Santos (2016) e Dotta (2010), mas também pode ser apenas uma questão pessoal de não identificação com a área. Pelo relato do(a) participante, é nítido que sua escolha em trabalhar com a área de ensino se deu apenas pela “necessidade” de fortalecer o currículo, pois é a área que ainda se tem recurso. Isso mostra que há uma carência de investimentos financeiros em pesquisas dentro de instituições públicas. Sendo assim, o PIBID, enquanto programa que ainda possui recurso, tem trazido uma nova visão de possibilidades para se trabalhar, além de contribuir para o enriquecimento das produções científicas.

O relato de PF04 segue a mesma linha de pensamento de PF01. Além disso, o(a) participante reconhece que está atuando em um curso de licenciatura e, por isso, suas vivências sofrem grande influência da área de ensino. Outro ponto a ser destacado é o fato de os alunos recorrerem a programas de ensino que ofertam bolsa, como o PIBID. Esta procura

por bolsa está intrinsecamente relacionada com a situação financeira dos alunos do curso, pois, como aponta a pesquisa de Gama (2020), muitos possuem uma renda familiar de até 1 salário mínimo e a bolsa ofertada pelo PIBID contribui para a permanência desse público no curso.

A partir das falas de PF01 e PF04, cabe ressaltar a importância de entendermos o contexto no qual as universidades públicas vêm se mantendo. As políticas públicas voltadas a educação, ganharam destaque no período de 2003 a 2010 com a criação de programas que visam a expansão e a democratização do ensino superior. Com os investimentos na Educação nesse período, foram criadas 14 novas universidades federais e 126 *campi*, resultando em um aumento de matrículas de 94% na região Nordeste (CASQUEIRO; IRFFI; SILVA, 2020).

Em 2015, esse número aumentou para 20 universidades, 173 *campi* e 600 *campi* de institutos federais. Esse “*plus* educacional” (NETO; NEZ, 2021, p. 125) se manteve como centro do desenvolvimento do país até metade de 2016, pois os governantes nesse período criaram a ideia de que a educação é um bem público e o melhor investimento a se fazer por um país. Entretanto, com o golpe que a então presidenta da república na época sofreu, criou-se uma “fratura exposta no avanço das políticas educacionais” (NETO; NEZ, 2021, p. 126) e, desde então, o país vem sofrendo com um verdadeiro descaso da educação.

A situação foi agravada a partir de 2018, quando um ex militar apoiador da ditadura, com discurso contrário aos direitos das minorias e focado na privatização do setor educacional, assumiu a presidência da república (NETO; NEZ, 2021; SANTOS, 2021). Desde então, diversos cortes e bloqueios foram realizados no orçamento para a educação. Além disso, o então presidente dissemina abertamente *Fake News*, calúnias e difamações acerca das universidades públicas, por exemplo, quando afirma que ““Estudantes das universidades brasileiras fazem tudo, menos estudar” (JAIR BOLSANARO, 2019)” (NETO; NEZ, 2021, p. 123). Este tipo de afirmação, busca claramente afetar a credibilidade destas instituições e das pessoas que nela fazem pesquisa, afinal, o presidente sempre buscou se basear no senso comum.

Desta forma, fica claro o retrocesso sofrido pela educação brasileira nos últimos anos e, conseqüentemente, as universidades públicas se tornaram escassas de recursos para se investir em pesquisas. Sendo assim, o pouco recurso com o qual as universidades têm sobrevivido, tem sido destinado de acordo com a finalidade de cada curso. No caso das licenciaturas, parte dos recursos são destinados para pesquisas em ensino como o PIBID, enquanto PIBIC muitas vezes se trabalha de forma voluntária. É importante ressaltar que o PIBID não se manteve imune aos retrocessos educacionais. Com os cortes de recursos, o

programa sofreu algumas modificações, sendo a diminuição no número de bolsas a mais drástica, uma vez que houve uma redução de 90.254 em 2013 para 30.096 em 2020 (LIMA; SILVA; JUNIOR, 2022).

Em relação a categoria “*Conhecimento sobre a docência na Educação Básica*”, observa-se a partir das falas de PF02, PF03 e PF04 que o PIBID tem cumprido com o seu objetivo de promover uma aproximação entre universidade e escola. Esses relatos mostram que o programa está aproximando não apenas os alunos, mas também os professores formadores. Além disso, na fala de PF02 fica claro o quanto esse encontro de realidades pode ser impactante, o que acaba possibilitando uma conscientização acerca da complexidade do que é ser professor da Educação Básica.

Para Massena e Cunha (2016), o PIBID permite, através dessa extrapolação do espaço universitário, repensar o contexto espacial onde se realiza o trabalho docente e, conseqüentemente, refletir sobre sua própria prática. Além disso, as autoras afirmam que ao longo do processo, esse fluxo de experiência e diversidade de contextos possibilita a formação tanto dos alunos quanto dos formadores, fato esse que pode ser observado nas falas dos(as) participantes PF02, PF03 e PF04.

*“A gente tem uma ideia de como preparar aula, mas temos que tomar cuidado com o público. Nesse caso, é um público que não podemos aprofundar muito os conceitos, devido ao pouco conhecimento que eles ainda têm. Como eu já tinha dado aula para o Ensino Médio, mesmo que por pouco tempo, da pra dar uma acompanhada” (PF01).*

*“Eu estou em uma realidade de universidade. Então a visão trazida por um profissional do Ensino Básico para a gente, nos traz muita realidade do que de fato se pode trabalhar numa oficina” (PF03).*

*“Apesar da gente não estar lá, aproxima bastante. Porque o aluno traz uma ideia de atividade, a gente coloca um pouco das nossas ideias ali e acaba transportando através dos alunos” (PF04).*

No que diz respeito a fala de PF01, percebe-se que este(a) participante apresenta uma certa vantagem em relação aos(às) demais pelo fato de já ter atuado na Educação Básica. Embora essa experiência tenha sido por um curto período, acabou influenciando em alguns aspectos durante sua atuação no PIBID, por exemplo, quando ele(a) fala da importância de se preocupar com o público para o qual se pretende dar aulas. Isso vai ao encontro do que alguns estudiosos como Freire (2002) e Schnetzler (1992) comentam sobre a importância de se considerar o contexto no qual se atua e as concepções prévias daqueles alunos, pois para promover uma aprendizagem significativa, é necessário conhecer e estabelecer uma relação entre o que os alunos já sabem e o que se quer ensinar (SCHNETZLER, 1992).

Em relação ao trecho da fala de PF03 “*Eu estou em uma realidade de universidade*” e da fala de PF04 “*Apesar da gente não estar lá*”, dá a entender que estes(as) formadores(as) ainda estão muito restritos ao contexto da universidade, isto pode estar relacionado com a demanda de atividade docente que geralmente são atribuídas aos professores. Logo, é importante que a organização do subprojeto adote novas metodologias, que não interfiram nas atribuições docentes dos orientadores, mas que insiram, literalmente, estes formadores no contexto da escola de nível básico, visto que “*a visão trazida por um profissional do Ensino Básico*” ou “*através dos alunos*” acaba aproximando estes formadores do contexto, mas não é capaz de apresentar a realidade em sua totalidade.

## 6. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo investigar o papel desempenhado pelo PIBID na formação dos professores formadores que atuaram como orientadores dos pibidianos no edital de 2018 do subprojeto de Química da UFS, *Campus* Professor Alberto Carvalho. Neste tópico, apresento os principais resultados que dele emergiram de acordo com o seu objetivo central e a questão de pesquisa que o nortearam.

A partir da análise dos dados, foi possível traçar o perfil acadêmico/profissional dos participantes, além de compreender os reflexos do PIBID para: I) a formação; II) ressignificar a prática docente; III) as linhas de pesquisa; IV) o conhecimento sobre a Educação Básica. No primeiro item, o programa se refletiu a partir da construção dos saberes da experiência e os saberes pedagógicos, além de promover autonomia a um(a) participante para liderar outros programas de ensino. Também permitiu a reflexão acerca da necessidade de estar sempre aprimorando os conhecimentos, além de contribuir para o preenchimento de lacunas resultantes da formação de bacharelado.

Em relação ao segundo item, o programa se refletiu principalmente por meio da reflexão acerca do que se pode realizar em sala de aula para promover um ensino que seja significativo para os alunos. Como resultado dessa reflexão, novas metodologias de ensino, como a experimentação investigativa e a Aprendizagem Baseada em Problemas, foram implementadas em sala de aula. Além disso, a participação no programa promoveu ao formador, a compreensão de que a sala de aula é um local de aprendizagem mútua, onde o aluno aprende com o professor, mas o professor também aprende com o aluno.

A respeito do terceiro item, o programa funcionou principalmente no sentido de ampliar as possibilidades de trabalho diante do descaso que a educação vem sofrendo nos últimos anos. Além disso, contribuiu para o enriquecimento das produções científicas dos participantes.

Sobre o quarto item, os dados mostraram que o PIBID tem contribuído para uma aproximação dos(as) formadores(as) com a Educação Básica, fator primordial para que as contribuições acima mencionadas sejam atendidas.

Sendo assim, conclui-se que a forma como o PIBID vem sendo coordenado no DQCI não contribui apenas para a formação dos licenciandos, mas também para reconstrução da identidade docente dos professores formadores, fato esse que se reflete em suas práticas docentes e linhas de pesquisa. Além disso, a bolsa ofertada se mostrou como um fator crucial

para o envolvimento dos licenciandos com o programa e, conseqüentemente, chamou a atenção dos professores formadores para trabalhar com a pesquisa voltada ao ensino.

Nessa perspectiva, os dados da pesquisa apontaram também para a necessidade de ampliar os investimentos na educação, visto que não há recursos suficientes para se trabalhar com a pesquisa científica, sem contar que o retrocesso educacional atingiu também os programas de ensino.

É importante destacar que, enquanto curso de Licenciatura em Química, não pode haver uma dicotomia entre a pesquisa científica e a pesquisa em ensino, uma vez que o curso forma professores, mas professores de uma área da ciência que precisam estar dotados tanto de conhecimentos científicos quanto de conhecimentos pedagógicos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Valeska, Carvalho. **Percursos Formativos, Profissionais e as Práticas dos Docentes Coordenadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa – MG, 2015.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. Thompson, 2ª ed, 1999.  
ANJOS, Shirlei Lima dos; SANTOS, Bruno Ferreira dos. O PIBID e o desenvolvimento profissional do formador de professores de química. **Práxis Educacional**. Vitória da Conquista, v. 12, n. 22. p. 249-270, mai/ago. 2016.

ARAÚJO, Gabriel Santos. **Os Efeitos do Fazer Pesquisa em Ensino no PIBID para Formação Inicial de Alunos do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Sergipe Campus Professor Alberto Carvalho**. 2021. Trabalho de conclusão de curso (Pesquisa em Ensino de Química). Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana – SE, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **PIBID – Apresentação**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

BRASIL. Edital MEC/CAPES. **Processo Seletivo de Licenciandos (as) para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) edital N° 13/2020**. Brasília/DF, 2020.

BRASIL. Edital MEC/CAPES. **Processo Seletivo de Licenciandos (as) para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) edital N° 22/2018**. Brasília/DF, 2018.

CASQUEIRO, Mayara Lima; IRFFI, Guilherme; SILVA, Cristiano da Costa da. A expansão das Universidades Federais e os seus efeitos de curto prazo sobre os Indicadores Municipais. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, São Paulo, vol. 25, n. 01, p. 155-177, mar. 2020.

CORRÊA, Carla Patrícia Quintanilha. **A Formação dos Formadores do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)**. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora – MG, 2017.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

DQCI, Departamento de Química. **Apresentação do departamento**. 2022. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/departamento/portal.jsf?id=197>. Acesso em: 25/09/2022.

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. **Percursos identitários de formadores de professores: O papel do contexto institucional, das diferentes áreas do conhecimento e das disciplinas**. 2010. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, São Paulo, 2010.

FERNANDES, Carolina dos Santos. **O Desenvolvimento Profissional dos Formadores de Professores de Química na Interação entre Universidade e Escola: As potencialidades do programa institucional de bolsa de iniciação à docência.** 2016. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GAMA, Dayse Soares. **O PIBID como Espaço que Contribui para a Permanência de Alunos no Curso de Licenciatura em Química.** 2021. Trabalho de conclusão de curso (Pesquisa em Ensino de Química). Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana – SE, 2021.

JESUS, Weverton Santos; LIMA, João Paulo Mendonça. **Pesquisa em Ensino de Química.** CESAD, Sergipe, São Cristóvão, 2012.

LIMA, João Paulo Mendonça. **Formação do Professor Reflexivo/Pesquisador em um Curso de Licenciatura em Química do Nordeste Brasileiro: Limites e possibilidades.** 2011. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão – SE, 2011.

LIMA, João Paulo Mendonça. **Uma Luz no Fim do Túnel: O PIBID como possibilidade de melhoria da formação inicial de professores no curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Sergipe/Campus de São Cristóvão.** 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

LIMA, João Paulo Mendonça. PIBID Química de Itabaiana: Instrumento potencializador da formação inicial de professores. *In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura (orgs.). Iniciação à Docência e Residência Pedagógica na UFS: Relatos, experiências e perspectivas.* EDUPE. Recife – PE, 2020.

LIMA, João Paulo Mendonça; MACHADO, Charlysson dos Santos; CARVALHO, José Airton Oliveira; SANTOS, Luciano. O Desenvolvimento e Aplicação de Oficinas Temáticas Durante o Ensino Remoto Emergencial no PIBID/Química da Universidade Federal de Sergipe/Campus Professor Alberto Carvalho. *In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura; SILVA, Erivanildo Lopes da (orgs.). Formação Docente no PIBID: Relatos de experiências colaborativas da UFS com Educação Básica.* UFS. São Cristóvão – SE, 2022.

LIMA, João Paulo Mendonça; SILVA, Veleida A.; JUNIOR, Wilmo E. Francisco. Evasão e Permanência em um Curso de Licenciatura em Química: o que o PIBID tem a oferecer?. **Química Nova na Escola.** São Paulo – SP, vol. 43, nº 3, p. 330-339, Ago. 2022.

MALDANER, Otavio Aloisio. Formação de Professores, Pesquisa e Atuação Pedagógica. *In: MALDANER, Otavio Aloisio. A Formação Inicial e Continuada de Professores de Química.* Ijuí: Unijuí, 2006. p. 41-92.

MASSENA, Elisa Prestes; CUNHA, Maria Isabel da. O potencial formativo do Pibid pela perspectiva dos formadores de professores. **RBPG**, Brasília, v. 13, n. 30, p. 195 - 220, jan./abr. 2016.

NETO, Odorico Ferreira Cardoso; Nez, Egeslaine de. Governos Lula, Dilma e Bolsonaro: as políticas públicas educacionais seus avanços, reveses e perspectivas. **Interação**, Curitiba, vol. 21, n. 3, p. 121-144, jul./set. 2021.

OLIVEIRA, Thaylla Moniza de Sá. **Supervisores do PIBID Química: o que o programa tem a oferecer a sua formação?**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Pesquisa em Ensino de Química). Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana – SE, 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. *In*: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15 – 33.

REIS, Nirly Araujo dos. **Abordagem Contextual no Âmbito do Processo Formativo do PIBID**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Naturais e Matemática) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

ROSA, Maria Inês de Freitas Petrucci dos Santos; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. A Investigação-Ação na Formação Continuada de Professores de Ciências. **Ciência e Educação**, v. 9, n. 1, p. 27-39, 2003.

SANTOS, Ângela Sales Andrade. **Uma Análise do Projeto Político-pedagógico do Colégio Estadual Quilombola 27 de maio: o (não) lugar das especificidades étnico-raciais e histórico-culturais**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SANTOS, Deborah Rean Carreiro Matazo dos; Lima, Lilian Patrícia; JUNIOR, Gildo Giroto. A Formação de Professores de Química, Mudanças na Regulamentação e os Impactos na Estrutura em Cursos de Licenciatura em Química. **Química Nova**, vol. 43, n. 7, p. 977-986, 2020.

SANTOS, Simone; SANTOS, Mylena Nascimento; LIMA, João Paulo Mendonça; SANTOS, Danilo Oliveira. ENSINO E APRENDIZAGEM DE TRANSFORMAÇÕES QUÍMICAS POR MEIO DA OFICINA TEMÁTICA "CANA-DE-AÇÚCAR: AMIGA OU VILÃ?". *In*: Anais do 20º Encontro Nacional de Ensino de Química (ENEQ Pernambuco). **Anais**. Recife (PE) UFRPE/UFPE, 2020. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/ENEQPE2020/244520-ENSINO-E-APRENDIZAGEM-DE-TRANSFORMACOES-QUIMICAS-POR-MEIO-DA-OFICINA-TEMATICA-CANA-DE-ACUCAR--AMIGA-OU-VILA>>. Acesso em: 04/04/2022 22:28.

SCHNETZLER, Roseli Pacheco. **Construção do Conhecimento e Ensino de Ciências**. Brasília: Em aberto, n.55 p. 17 – 23.

TEIXEIRA, Beatriz Mota; SANTOS, Danilo Oliveira; FERREIRA, Deidyane Wityla Felix da Silva; SANTOS, Edilane dos; ARAUJO, Gabriel Santos; MENEZES, Jaciara Santos; LIMA, João Paulo Mendonça; SANTOS, Joyce dos; SANTOS, Mylena Nascimento; SANTOS,

Simone. Reflexões Sobre o PIBID-Química-UFS/*Campus* de Itabaiana no Colégio Estadual Deputado Guido Azevedo. **Repositório Institucional da UFS**. Sergipe, 2020.

TEIXEIRA, Beatriz Mota. **PIBID/Química da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Professor Alberto Aarvalho como Espaço para a Construção de Saberes Docentes**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Pesquisa em Ensino de Química). Universidade Federal de Sergipe. Itabaiana – SE, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Itabaiana**: estrutura do campus. 2022. Disponível em: <https://itabaiana.ufs.br/pagina/20171-estrutura-do-campus>. Acesso em: 25/09/2022.

## ANEXO A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa de graduação intitulada “PIBID: uma reflexão acerca do seu papel na formação de professores formadores do curso de Licenciatura em Química da UFS *campus* Professor Alberto Carvalho”, a qual contará com a realização de entrevistas com alguns professores formadores do Departamento de Química de Itabaiana (DQCI).

O(a) senhor(a) não terá despesas e nem será remunerado(a) pela participação na pesquisa. Todas as despesas decorrentes de sua participação serão ressarcidas. Em caso de dano, durante a pesquisa será garantida a indenização.

A entrevista será realizada em dia e horário previamente agendada por meio de contato pessoal e/ou telefônico com os professores(as)/participantes que atendam aos critérios de inclusão deste estudo e aceitem participar voluntariamente da pesquisa. As entrevistas serão realizadas individualmente com os selecionados. Todas as entrevistas serão realizadas e gravadas via *Google Meet*, não sendo obrigatório ao participante responder a todas as perguntas.

A identidade de cada participante da pesquisa será sigilosamente preservada, pois seus nomes serão substituídos por letras maiúsculas do alfabeto e número. Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos por envolver a aplicação de entrevistas, os quais poderão gerar desconfortos emocionais como: constrangimento, medo, vergonha e estresse. Contudo, o desenvolvimento da pesquisa, ocorrerá de forma adequada, visando minimizar a ocorrência de tais desconfortos. No caso de eventual dano, imediato ou tardio, de forma direta e indireta, decorrente desta pesquisa, o(a) senhor(a) terá o direito de ser indenizado(a) pelo pesquisador, bem como a ter assistência gratuita, integral e imediata, pelo tempo que for necessário.

Para minimizar qualquer tipo de desconfortos, o conteúdo das entrevistas não será compartilhado com todos os participantes, sendo realizadas apenas individualmente.

Os benefícios e as vantagens em participar deste estudo incluem a possibilidade de conhecimento sobre o perfil acadêmico/profissional dos professores formadores do DQCI. Além disso, esse estudo possibilitará traçar um panorama sobre o papel que o PIBID desempenha na formação dos professores formadores que participaram como orientadores das atividades desenvolvidas pelos pibidianos no edital de 2018.

A pessoa que realizará os procedimentos desta pesquisa será a aluna de graduação Simone Santos, com a orientação do professor Dr. João Paulo Mendonça Lima, ambos

vinculados ao Departamento de Química Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe/*Campus* Professor Alberto Carvalho. A qualquer momento, o(a) senhor(a) poderá esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e poderá recusar ou retirar seu consentimento, deixando de participar da pesquisa, sem qualquer tipo de penalização ou constrangimento. Declarando que cumprimos todas as informações aqui descritas, solicitamos a sua autorização para a realização da pesquisa e para a utilização das suas informações exclusivamente para a produção de artigos técnicos e científicos, mantendo sua privacidade por meio da não identificação do seu nome. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias com páginas enumeradas, e terão suas páginas rubricadas e assinadas pelo o(a) senhor(a), assim como pelo pesquisador responsável. Sendo que uma das vias ficará em posse do pesquisador e outra com o(a) senhor(a).

Sempre que desejar, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato para obter informações sobre este projeto de pesquisa, sobre sua participação ou outros assuntos relacionados à pesquisa. Segue os dados: pesquisador responsável: Simone Santos, telefone e WhatsApp (79) 98169-3938, e-mail: [simonesantos98313651@gmail.com](mailto:simonesantos98313651@gmail.com) ou [simonestos@academico.ufs.br](mailto:simonestos@academico.ufs.br). Endereço (pesquisador responsável): Rua João Correia Dantas, 550, Bairro Mutirão, Frei Paulo, SE, CEP: 49514-000. Endereço (Institucional): Campus Prof. Alberto Carvalho, localizado na Av. Vereador Olímpio Grande, s/n Itabaiana/SE, CEP 49506-036, telefone (79) 3432-8200. Orientador da pesquisa: João Paulo Mendonça Lima, telefone e WhatsApp (79) 99969-8660, e-mail: [jpufs@hotmail.com](mailto:jpufs@hotmail.com). Endereço (Institucional): Departamento de Química, *Campus* Professor Alberto Carvalho, Avenida Vereador Olímpio Grande S/N, centro, Itabaiana, SE, CEP: 49.500-000, Bloco D (Departamental), primeiro andar. e-mail: [dqci@academico.ufs.br](mailto:dqci@academico.ufs.br), telefone (79) 3432 8216.

Agradecemos a sua participação.

.....  
**Participante da pesquisa**  
.....

**ANEXO B****ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA****I. Perfil dos(as) participantes**

1. Sexo: M ( ) F ( )
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Formação acadêmica e onde obteve a graduação:  
\_\_\_\_\_
4. Período em que fez a graduação: \_\_\_\_\_
5. Período em que fez mestrado: \_\_\_\_\_
6. Período em que fez doutorado: \_\_\_\_\_
7. Há quanto tempo atua como professor(a) do Ensino Superior?
8. Há quanto tempo atua nesse curso?

**II. Formação inicial dos(as) participantes**

9. Fale um pouco sobre sua formação inicial na graduação?
10. Você teve experiências com alunos da Educação Básica durante sua graduação? Poderia comentar a respeito?
11. Você consegue perceber se há relação ou diferença entre o modelo de formação da sua graduação e o modelo de formação do curso que você atua? Comente um pouco sobre isso.
12. Durante sua formação inicial você desenvolveu e aplicou algum material didático para alunos da Educação Básica? Fale um pouco sobre isso.
13. Durante sua formação inicial você desenvolveu algum trabalho na área de Ensino de Química? Fale um pouco sobre isso.

### III. Atuação como professor(a) formador(a)

14. Você chegou a atuar como professor(a) da Educação Básica antes de atuar como professor(a) do Ensino Superior? Comente a respeito disso.
15. No PIBID, como tem sido esse trabalho de orientação e desenvolvimento de propostas de ensino para a Educação Básica?
16. Você poderia falar um pouco sobre essa sua participação como orientador(a) na elaboração de propostas de ensino para a Educação Básica? Encontrou alguma dificuldade em orientar a produção destes materiais? Comente a respeito.
17. Neste curso de Licenciatura em Química, você já realizou e orientou trabalhos na área de Ensino de Química? Você poderia falar sobre essa experiência? Encontrou dificuldades? A partir de qual momento isso ocorreu?
18. Orientar os alunos no processo de elaboração de oficinas temáticas e de trabalhos científicos apresentou algum efeito em sua formação? Seja na atuação docente, linha de pesquisa, produção científica ou outro aspecto que ache pertinente? Comente a respeito.
19. E em relação ao trabalho de orientação em parceria com o professor supervisor e com o coordenador de área, como tem sido esse processo? O que isso pode trazer para sua formação ou atuação docente?
20. Você tem alguma análise crítica em relação a forma como o PIBID vem sendo organizado no departamento? Há algum aspecto que você acredita que possa ser melhorado? Comente a respeito.

**APÊNDICE**  
**TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PF01**

**Pesquisadora:** Bom. Primeiro eu queria agradecer por ter aceitado o convite para participar da minha pesquisa cujo título é PIBID: uma reflexão acerca do seu papel na formação de professores formadores do curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho e tem como objetivo investigar o papel da participação como orientador dos pibidianos de Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho para a formação destes professores formadores. No caso vai levar em conta a sua participação como orientadora no PIBID de 2018.

**PF01:** Humrum, foi esse projeto ou foi o anterior? Foi o anterior né?

**Pesquisadora:** O anterior, isso. Mas aí você pode falar com base nas suas experiências nos dois projetos, certo? Não precisa ficar restrita.

**PF01:** Ta.

**Pesquisadora:** A primeira questão é em relação a sua idade.

**PF01:** Kkkkkkkkk jura que vocês vão perguntar a idade? Kkkkkkkk 46.

**Pesquisadora:** Mas não vai ser revelada a identidade é só pra traçar o perfil mesmo rrsrsrs

**PF01:** Não, eu tô brincando, eu tô brincando. Eu não tenho problema com minha idade não. Queria ser menos, mas não tem problema não kkkkkkkkkkk 46 kkkkkkkkk

**Pesquisadora:** Ta ótimo rrsrsrs. A segunda é em relação a sua formação e onde obteve a sua graduação.

**PF01:** Eu fiz bacharel em Química na USP Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo *Campus* de Ribeirão Preto.

**Pesquisadora:** Certo e foi de que ano até que ano?

**PF01:** Eu entrei em 98 e eu me formei em 2002. Na metade de 2002, eu fiz 4 anos e meio.

**Pesquisadora:** E em relação ao que veio depois?

**PF01:** Ai depois, logo em seguida mal tinha terminado a graduação, eu tava no último período, eu lembro que foi super corrido. A gente teve prova pra ingressar no mestrado. Tava

no meio das provas finais e ai eu fiz a prova, passei e fiz mestrado direto né? Eu fiquei 3 anos fazendo mestrado e depois eu fiz doutorado em 4 anos.

**Pesquisadora:** Assim que finalizou o mestrado já entrou no doutorado?

**PF01:** Eu fiz mestrado e entrei em 2002 e sai em 2005 deu 3 anos certinho. Isso ai foi em setembro né, que deu início, setembro de 2005, outubro de 2005 entrei no doutorado e defendi em dezembro de 2009.

**Pesquisadora:** Ok. Há quanto tempo você vem atuando no ensino superior?

**PF01:** Desde 2011.

**Pesquisadora:** 2011. Certo. E no curso de Itabaiana, de Química?

**PF01:** É tudo igual. Foi minha primeira experiência, meu primeiro emprego assim mais certo foi aqui mesmo.

**Pesquisadora:** Certo. E você poderia falar um pouco sobre sua formação inicial? A questão da graduação mesmo?

**PF01:** Como assim, que que você quer saber a respeito?

**Pesquisadora:** É mais a questão curricular assim da sua graduação.

**PF01:** Então eu fiz bacharel. Então as disciplinas assim, tinha as disciplinas como vocês tem agora né? Eu só não tive Biologia né? Eu não concluir as disciplinas de licenciatura que davam direito ao diploma de licenciatura, eu fiz metade só. Era dois anos e eu fiz só um ano. Eu não me identifiquei, acabei que eu não fui fazer e não terminei né? Então assim, a gente teve calculo 1, 2, 3; Física 1, 2 essas matérias que eram obrigatórias né? Física experimental 1 e 2; a gente tinha vetores e geometria analítica, coisa que vocês não têm né? E é super importante, eu acho importante porque tem umas coisas assim que ficam difíceis da gente passar como polaridade de uma molécula. Quando a molécula ta em dois planos é fácil, agora quando ela ta em 3D que é mais complicado se não tem uma visão parcial, um conhecimento de vetores e geometria analítica é mais complicado né? A gente tinha estatística também que são matérias mais fora da Química né? A Química geral era 1 ano inteiro, era uma disciplina anual. Ela e a Química experimental eram as disciplinas anuais né? Que eram as primeiras. Ai depois tinha, é que eu fiz 2 anos no Mackenzie, então eu consegui alguns aproveitamentos de disciplinas. Então todas as disciplinas de Química que eu fiz, eu consegui. Então eu fiz as disciplinas de química analítica quantitativa e qualitativa no Mackenzie, eu não fiz na USP.

Mas eu fiz análise instrumental na USP, química orgânica 1 eu fiz no Mackenzie e a 2 eu fiz na USP; eu fiz inorgânica 1 e 2 no Mackenzie e fiz química de coordenação na USP; eu fiz todas as físico químicas na USP e tinha físico química experimental também; tinha bioquímica que vocês não têm né? A gente tinha bioquímica 1 e 2 e bioquímica experimental. Eu fiz todas na USP também. E ai fiz algumas disciplinas que são optativas né? Fiz química ambiental... deixo eu ver se lembro todas né? Porque faz 20 anos que eu me formei hahahaha éééé eu fiz química ambiental, eu fiz uma disciplina que era métodos de caracterização espectroscópica né; fiz orgânica experimental que era separado, não era junto com as disciplinas né? Eu fiz química computacional porque eu acho que ajudava porque eu fazia estágio no laboratório do professor e acabei fazendo com ele. Foram mais essas disciplinas assim que eu fiz, mas era tudo bem mais aprofundado porque era bacharel né? Então foi isso. O estágio que eu fiz foi estágio de iniciação científica, então a gente não tinha estágio fora né? Eu poderia ter feito,, mas como eu fiz iniciação científica por 3 anos eu acabei aproveitando meu estágio ali. Era mais isso mesmo que a gente tinha pra fazer. Na época não tinha essas coisas de atividades complementares, essas coisas que vocês têm né? Atividade de extensão. Pelo menos na USP não tinha, não sei como é que ta agora. Como é um curso de bacharel é um curso mais aprofundado, bem mais difícil do que é pra vocês. Mas foi mais ou menos isso. Mestrado e doutorado foi dentro da área dura mesmo, então foi mais aprofundado ainda.

**Pesquisadora:** Certo. Então em momento algum durante sua formação você não teve contato com alunos, com essa questão de ensino?

**PF01:** Eu tive. Eu tive assim, eu já tava no mestrado. Bom quando eu tava no Mackenzie, eu tava na metade do curso quase, eu peguei umas aulas. Eu não sei como que chamam aqui, mas são aqueles professores que não são concursados, mas pegam aulas do estado pra poder dar aula. E eu entrei, eu fiquei 3 meses numa escola lá em São Paulo, só que ai como eu não era concursada nem era formada, ai no ano seguinte que eu peguei o final do ano teve uma professora que eu não sei o que aconteceu que ela saiu. Ai no ano seguinte ela eu não sei se ela voltou, eu não lembro o que aconteceu que faz tempo né?, eu entrei em 94 no Mackenzie e isso foi em 95, 96 então foi em um tempo bem distante. Eu só sei que eu não peguei, mas eu tive essa experiência com alunos que hoje é ensino fundamental mas na época era ginásio. Eu dei aula para a 5ª série e pra 8ª série que seria o 6º e 9º ano hoje né? Depois quando eu tava na pós graduação eu dei aula de química orgânica para um cursinho que tinha, era um cursinho comunitário que tinha lá na USP. Eu dei 3 meses de aula de química orgânica, alguma coisa assim. Depois, minha mãe dava aula em uma escola, eu dei aula para a 3ª e 4ª série que seria o

4º e 5º ano hoje do ensino fundamental, e dei aula também numa escola particular lá em Ribeirão pra 7ª e 8ª série também, que seria 8º e 9º ano, pra substituir algumas professoras. Peguei várias aulas assim de substituição sabe? Que sempre alguém falava “ah, você não quer pegar umas aulas pra substituir não sei quem?” então eu peguei e no outro colégio também que eu peguei 1º e 2º ano pra substituir professor, foi mais isso sabe? Era mais substituição. Agora assim, como professora mesmo eu entrei aqui mesmo, foi aqui na UFS.

**Pesquisadora:** Certo. E nessas aulas que você deu antes de ingressar na UFS né? Você chegou a utilizar algum material didático ou foi aquela aula mais técnica?

**PF01:** Assim, depende muito das escolas. As escolas públicas eram difíceis até de dar aula, eu suava o material, as vezes levava alguns experimentos que eu achava legal. Pegava as coisas lá na universidade, pegava emprestado depois devolvia sabe? Só pra fazer alguma coisa com eles. Eu lembro que eu fiz vários experimentos com o pessoal dessa última escola que dei aula. Eu lembro que fiz experimentos com mercúrio, fiz uns experimentozinhos básicos pra eles entenderem o que era menisco, que o livro falava, que a escola queria que seguisse o livro que eles tinham adotado, que senão os pais ficavam bravos que gastaram dinheiro com isso né?. Mas assim o que tinha lá, o que podia fazer eu sempre fazia assim. Eu gosto de colocar sempre alguma coisa, quando dá pra colocar né? Principalmente com alunos que as vezes as matérias não são muito corridas né? A gente consegue incorporar alguma coisa. Eu lembro que em São Paulo eu conseguir fazer junto com eles experimentos de transferência de elétrons. Sabe eu fiz alguns experimentozinhos, mas era assim muita coisa, porque cê não ficava muito tempo, como eu tava a maioria das vezes eu tava substituindo. Mas quando eu via que cabia dentro do contexto, eu conseguia né? Foi isso assim.

**Pesquisadora:** Certo. Agora partindo um pouco pra sua atuação no PIBID, como tem sido pra você esse trabalho de orientar os pibidianos nessa parte de desenvolvimento de material pra Educação Básica?

**PF01:** Nesse de 2018 a experiência foi assim bem complexa e complicada, porque em 1 ano e meio agente teve muita troca né? Primeiro começou, esqueci o nome dele, não era E..., você lembra de um menino que saiu?

**Pesquisadora:** S...?

**PF01:** É o S..., eu lembrava que era com E agora o final rrsrsrs. Era ele e também tinha uma menina que eu também não lembro o nome. Ela foi umas duas ou três reuniões e depois ela

sumiu até da UFS. Ai ela saiu e entrou a T.... Ai o S... saiu e entrou o F.... Só que assim, isso que começa um trabalho com uma pessoa. Ai muda, ai cê tem que começar tudo de novo e ai a outra pessoa já ta mais lá na frente que a outra pessoa. Então foi assim meio complicado, embora o tema fosse até interessante, mas o desenvolvimento do trabalho foi mais complicado né. Mas assim eles fizeram, precisava dar uma melhorada no material. Mas assim, era porque ficou uma colcha de retalhos, porque cada hora era um que tava fazendo pra dar continuidade né? Então não fico uma coisa assim “nossa senhora que legal”, mas assim eu achei interessante. Foi meu primeiro contato com eles, com o PIBID, em trabalhar com o JP também, porque assim ele tem um estilo e a gente se adaptar ao estilo da pessoa tal. Até o professor Marcelo deu umas dicas em umas reuniões ai, acho que a próxima parceria o JP vai até implementar essas dicas que o professor Marcelo deu. Mas eu achei interessante assim, porque como eu nunca tinha feito, ao mesmo tempo é uma coisa assim porque a gente prepara aula o tempo todo. A gente tem mais ou menos a ideia de como preparar uma aula, a única coisa que a gente tem que tomar cuidado é com o público né? Nesse caso são públicos que tem um conhecimento ainda não suficiente pra gente dar umas aprofundadas, então a gente tem que ta sempre pensando no público. Então como eu já tinha dado aula também pro ensino médio, então mesmo que pouco tempo, nada de muito tempo, assim da pra dar uma acompanhada. Agora no segundo PIBID foi um pouco mais tranquilo nesse quesito né de montar o material, mas assim é complicado porque foi bem na pandemia né? Então assim, foi nesse sentido, mas pelo menos assim, eu consegui começar e terminar com uma dupla de alunos. Uma experiência diferente. Gostei, eu gosto de atuar com eles. Achei bem interessante.

**Pesquisadora:** Ok. Em relação às dificuldades encontradas nesse processo, foi mais essa questão mesmo de troca de duplas ou teve outras questões?

**PF01:** No primeiro foi essa questão da falta de ter uma continuidade com dupla né? Já no segundo as vezes a falta de comprometimento dos alunos era mais complicado sabe? De você pedir pra fazer as coisas e não fazer. Não foram os dois né? Pelo menos de uma pessoa da dupla. O primeiro foi essa questão de troca de alunos mesmo, e ai fica difícil de você desenvolver um trabalho e tal né?, mas o segundo foi mais por questão disso mesmo. E ai também a questão de ser online também né? No segundo foi online e ai os alunos eles demoraram pra fazer as aplicações nas escolas, conseguiram fazer apenas uma apresentação. Eles não perceberam na hora, mas eu tava la dentro da sala e ai eu conseguir ver algumas coisas, lógico que eu não atrapalhei eles, e ai eu vi algumas coisas que precisavam melhorar e

eles não conseguiram apresentar até hoje sabe? Pra pode melhorar a oficina. Então teve essas coisinhas. O que no primeiro eles já conseguiram assim, foi melhor embora ter tido essa troca, mas eles apresentaram melhor assim a oficina, mas infelizmente não deu pra arrumar ela, deixar ela mais redondinha, mais bonitinha. É uma coisa que pode até ser retomada né, mas assim foi mais isso.

**Pesquisadora:** Ok. Nesse curso você já chegou a atuar como orientadora em outros momentos, em pesquisa relacionada ao ensino mesmo?

**PF01:** Da área de ensino orientei os TCC né? Eu oriento monitoria desde que cheguei aqui, principalmente pra química geral, orientei pra química inorgânica também. Área de ensino seria isso. Agora eu to orientando o pessoal do apoio pedagógico né? Que a gente ta com o grupo do pré química e é mais isso assim. Os TCC é área de ensino, não é minha área de formação, como eu disse pra você no começo, eu não tenho formação em licenciatura né? Então, pra mim é uma área que eu to tendo que estudar também. Muitas vezes eu tenho que estudar pra poder orientar, porque é difícil você pegar uma coisa que não é da sua área e você orientar né? Pra apresentar um bom trabalho as vezes é complicado. Mas você aprende bastante. É engraçado que com as orientações a gente sempre ta aprendendo né? É que nem dar aula. Quando você começar a dar aula você vai ver que você vai aprender mais do que quando você tava estudando, porque tua preocupação é que você precisa saber pra poder passar. Então tem isso, tenho aprendido com a área de ensino bastante. Falta muito né? Mas uma hora eu chego lá.

**Pesquisadora:** O que esse processo de orientação pode representar para a sua formação? Quais foram os reflexos dessa sua atuação no PIBID como orientadora?

**PF01:** É aquilo que eu te falei né? Quando a gente orienta, a gente tem que saber daquilo que a gente ta falando né? O primeiro TCC que orientei, foi assim que cheguei né? Quando pediram pra orientar o TCC eu falei assim “gente eu não sei essa área de ensino” e ai eu tive um que foi com o Eri o coorientador né? Eu falei pra ele “olha eu arrumo toda a estrutura”, eu vou falando sobre as estruturas, a gente acaba até porque é muito tempo de estudo e muita coisa que a gente escreve. Então a gente tem mais ou menos a noção, mesmo que não é da nossa área de formação a gente tem mais ou menos uma noção do que que é necessário pra você escrever um texto a respeito, seja um relatório, um trabalho de conclusão de curso e até mesmo um material né? Então o primeiro TCC foi mais orientação, não vou falar de estética, mas foi mais textual, de opinar “olha isso aqui ta certo, isso aqui ta errado” você procura isso,

você procura aquilo. Depois o TCC pra mim, de orientação na área de ensino, eu hoje já falo “olha cê tem que procurar um artigo que fale a respeito disso, disso e disso” não sei quem é o autor que poderia mas tem que pesquisar né? Então assim, eu já tô tendo assim sabe? Um pouco mais de visão com a relação a área de ensino, por exemplo, de como orientar um trabalho de conclusão de curso né? Com relação a orientação de monitoria, eu tô falando de todas as monitorias que eu tive né? Eu também fui aprendendo a dar aula, conforme eu fui dando aula né? Então eu fui conhecendo os alunos, as necessidades dos alunos conforme eu fui dando aula né? Então conforme eu fui dando aula, eu fui pedindo para os monitores determinadas coisas. Então eu, inclusive, faço isso até hoje na hora que vou orientar eles “olha cê tem que falar assim, assim, assado” porque explico tudo como é que são as coisas “olha os alunos vão ter dúvidas nisso, nisso, nisso”. Então cê não pode, inclusive até as vezes de comportamento, a gente acaba orientando essas coisas né?. Na questão do PIBID, como era uma questão de material, a gente tem mais ou menos uma noção, pelo fato da gente dar aula, do que seria importante né? Mesmo pra ser num nível mais anterior aquilo que os nossos alunos pra quem a gente da aula propriamente dito. Então a gente tem mais ou menos uma noção onde é o começo, meio, fim e o que é importante eles saberem. Então pra mim assim, eu aprendi muito. E é logico que é só com a experiencia que a gente vai vendo quais são as necessidades pra conseguir dar uma melhor orientação né? Quando a gente pouco orientou, a gente pouco sabe passar, mas depois conforme a gente vai vendo, é como eu falei né? a prática leva a perfeição é mais ou menos por ai. É logico que perfeito a gente nunca chega né? Mas a gente ta sempre aprimorando, melhorando, vai aprendendo também, aquilo que eu disse antes né, então seria mais ou menos nesse contexto.

**Pesquisadora:** Certo. E na sua atuação em sala de aula, chegou a ter alguma mudança a partir dessa participação no PIBID ou não?

**PF01:** Ah Simone, assim... quando da pra introduzir alguma coisa que eu acho legal, eu introduzo né? Mas eu nunca coloquei uma questão de oficina de PIBID, mas eu sempre assim tento. Eu acho que eu conseguir mais fazer alguma coisa durante o período remoto, que tinha a parte experimental e eu acho que consegui chegar em algumas coisas mostrando vídeos, mas não chega a ser, tipo assim, não mudou muito. Eu tenho visto algumas coisas pra colocar pros alunos, mas em outro contexto. Não no estilo do JP sabe? De oficinas, essas coisas. Eu sei que é importante experimentação, sempre é importante a gente trazer experimentação. Mas tem horas que no ensino superior as vezes é muito mais complicado de fazer isso por conta de conteúdo, de ementa muito longa pra gente fazer alguma coisa. Mas, por exemplo, no período

passado que eu dei aula de química geral, um aluno foi perguntar a respeito pH “ah que é que da pra fazer pra eu ver mudança de pH com alguma coisa caseira?” e na época eu tava com um saco de flor de ervilha azul e ela é um indicador ai eu falei “a gente faz um chá aqui, vamos lá esquentar a água, faz um chá da ervilha azul” pedi pros meninos buscar vinagre e limão la embaixo e fiz o experimento ali porque eu tava dando coisas de pH e eles queriam ver, eu falei assim “ah legal”. Teve uma aula também que eu gosto muito dessas questões investigativas que da pra você buscar bastante coisas assim né? Surgiu em 2018 em química geral, um questionamento né? Eu tava falando na aula a respeito de pH e falei la que o limão ele tinha pH entre 2 e 3, ai veio a pergunta “Ah, mas a nutricionista falou o limão é básico” falei “você tem certeza? Alguém vai la embaixo pega um limão, aproveita e pega uma fita de pH no laboratório e vamo testar”, fizemos o teste e nisso surgiu outras coisas e eles viram “não, ele é ácido mesmo”. Mas como surgiu isso do limão ser básico? Tem um porque né? Então eu comecei explicar a respeito dos sais formados pela ionização do ácido. Como o ácido ascórbico e o ácido cítrico eles não são ácidos fortes né? Então o sal deles vai sofrer hidrólise né? Então eu levantei vários questionamentos, pedi pra eles procurarem, pesquisarem... mas eles não fizeram a pesquisa e ai na aula seguinte eu falei “então vocês vão começar pesquisar agora, cês gostam de usar o celular, usem pra uma coisa boa”. Então assim, começou levantar, cê ta vendo, uma pergunta “ah é isso?” vamos ver se é isso mesmo, quem ta certo né? Mas porque que isso surgiu? Então, assim eu gosto de aulas dinâmicas desse jeito sabe? Mas as vezes tem que surgir uma pergunta, tem que ter alguém curioso, as vezes mesmo um conceito errado, mas que dá oportunidade de explorar vários assuntos e vários conteúdos e fazer experimentos lá e eles procurarem sabe? Investigar, eu gosto mais dessa dinâmica sabe? É meu estilo assim. Mas até agora foi por questão de curiosidade de aluno mesmo ou alguma coisa que surgiu assim.

**Pesquisadora:** Ok. E em relação as suas linhas de pesquisa, você acha que teve alguma influência? Agora você ta no PROLICE né? Você acha que esse interesse foi alguma influência dessa sua participação no PIBID ou não tem nada a ver?

**PF01:** Assim, orientar no PROLICE ajudou mais sabe? assim pela minha experiencia no PIBID ajudou, me deu mais confiança. Eu acho que se eu não tivesse feito, não tivesse participado dessas orientações de TCC, não vou nem falar de monitoria, mas as orientações de TCC, de observar, eu participei de algumas aulas de E... na residência. Eu esqueci de falar, mas eu ajudei a E... a orientar algumas meninas ali na residência e no PROLICE antes também era a Ed... e a M..., inclusive a M... continuou e eu montei um material com ela no

estilo de oficina e ela apresentou agora, que é matéria do TCC dela também. Então tipo assim, foi mais por conta que ele me deu confiança. Vou usar bem essa palavra, que foi mais confiança, se eu não tivesse tido esses contatos, tanto com o PIBID, quanto com a residência antes, porque eu orientei duas alunas antes, eu esqueci de falar, mas eu orientei duas alunas que fizeram seu trabalho dentro da residência né? Eu acho que eu não pegaria o PROLICE pra coordenar, eu sei que ainda falta muito pra aprender sabe? Durante o PROLICE, eu tinha até esquecido disso, ainda bem que você falou, eu tinha até esquecido, tanto é que nem falei dele né?. O PROLICE assim, ele teve um tema, talvez encaixe em alguma das outras questões que cê perguntou, o PROLICE ele teve um tema que era o ensino em tempo de pandemia. Então, foi interessante a gente ter feito um estudo, que o pessoal que tava nesse grupo, eles começaram um trabalho diferente com a Edineia, e comigo eu quis, como teve essas questões de pandemia, mudanças de ano, o professor que tava lá na escola não tava mais, tava com poucas aulas e ele já tava cheio de alunos de estágio da UFS. Então, tipo assim, não tinha como pegar os alunos do PROLICE. Então, o que eu fiz? Eu tinha que fazer alguma coisa com eles, então eu fiz vários estudos. A gente estudou como foi o ensino remoto emergencial né? A gente estudou vários artigos a respeito disso, os meninos leram, discutiram, a gente fez várias reflexões a respeito. Depois a gente estudou como que eles estavam esperando o retorno desse período remoto e como seria a volta, todos os artigos que a gente leu, eles falaram que seria complicado a volta porque eles não tinham tido um ensino adequado. Então era um tempo perdido pra eles na área de educação, então eles tavam vendo coisas que eles podiam fazer pra melhorar esse ensino, como tutorias, tal... e ai a gente teve algumas ideias de fazer por exemplo, como era pro ensino médio, deles fazerem um teste para ver como eles estavam em relação aos anos passados né? E em cima disso eles fazerem tutorias com os alunos do ensino médio pra ajudar a acompanhar melhor no ano que eles estavam, pra eles não ter aquela diferença maior, e nisso eles estudaram também a BNCC e isso fez com que eu estudasse também, e então ao mesmo tempo que eles estavam estudando eu tinha que estudar também, porque como a gente tava discutindo, então eu tinha que ler também, tinha que estudar antes, porque eu dava os artigos pra eles, então eu tinha que saber o que estava dando né? Se era interessante realmente dar aquele artigo ou não. E ai eles fizeram isso, estão na escola. A M... apresentou a oficina dela que ela já tinha montado antes com a E... e eu tava coorientando ela e a Ed... Então, agora ela já ta começando mexer no trabalho pra poder escrever o TCC dela. Então isso daí é um fruto do PROLICE né? Então teve isso e agora os meninos estão na escola, eles vão ajudar montar uma feira de ciências lá, não era o que a gente tava planejando, mas foi o que deu pra eles fazerem né? Então seria isso, mas pra mim

foi uma experiência muito grande, porque é aquilo que eu te falei né? Quando a gente vai dar aula de alguma coisa, a gente aprende mais do que quando a gente ta estudando simplesmente por estudar, porque a gente tem que passar, a gente tem que pegar o diploma, então tem mais um motivo né? Pra gente fazer as coisas. Então foi assim, pra mim ta sendo ainda, bastante proveitoso, ta me ajudando bastante, mas assim isso eu te falo e afirmo novamente: hoje eu só tive confiança de pegar uma coordenação de PROLICE por tudo que eu havia passado antes né? Por ajudar nas orientações, por exemplo de atividades que a Edilene e a Jéssica fizeram na residência pedagógica; de acompanhar; depois teve o PIBID; mas assim, uma das coisas que eu falei pra você sobre essa questão se eu mudei de área por me identificar, NÃO, eu vou ser bem sincera viu Simone, não é a minha área, não é a minha praia, mas a gente vai de acordo com a necessidade né? Então eu fiquei 3 anos parada, eu peguei licença, fiquei 3 anos sem produzir, 3 anos sem ter nada, então isso ai prejudica bastante o currículo da gente. Então quando eu voltei, eu já tava assim “eu vou fazer alguma coisa na área de ensino” porque vai ser muito difícil ter recurso, então eu tenho que fazer alguma coisa que é muito mais fácil ter recurso, entendeu? Porque quando tem recurso a gente consegue produzir. Eu já tava pensando, quando eu voltei eu falei até com a professora V... a respeito e as coisas foram caminhando sabe? E é engraçado que na minha vida as coisas sempre foram no fluxo assim sabe? Eu sempre fui meio no fluxo, fui parar em química computacional no fluxo, eu entrei no laboratório de orgânica no fluxo, entrei na UFS no fluxo... porque foram acontecendo coisas assim que eu nunca tinha imaginado acontecer, mas aconteceram, não muito bem como eu gostaria que fosse, mas aconteceu e eu não vou falar “ah, tô infeliz”, não vejo pelo outro lado, mesmo que isso não seja a minha praia, quando eu falo assim “minha praia” é porque é uma coisa que eu não me identifico, não é uma coisa que eu entendo facilmente entendeu? Então cada conquista que eu tenho é uma superação que eu tô conseguindo, então eu fico feliz com isso, entendeu? É aquele negócio “cê tem um limão, faça uma limonada” bota um açúcarzinho ali e toma porque as vezes você não tem o que fazer, aquilo que você tem ali é o que você tem pra fazer entendeu? Uma coisa que talvez não seria legal, você fazer dela o melhor que cê pode.

**Pesquisadora:** Ok. Agora em relação a essa parceria de orientação com o supervisor que é o professor da Educação Básica e o coordenador de área do PIBID, o que isso pode trazer para a sua formação?

**PF01:** Olha, com os coordenadores de área, eu vou ser bem sincera. Quando eu tava orientando as meninas na residência pedagógica, a M... C... era preceptora e ela tava como

coorientadora das meninas e eu tive muito contato com ela, inclusive a M... C... foi minha aluna como a N.... É engraçado que um dia eu ensinei e depois elas me ensinaram, então foi bastante interessante e eu gostei muito porque eu aprendi bastante com ela, com a M... C.... Na época a E... pouco entrou ali, foi mais a M... C..., inclusive a E... foi banca de uma das meninas, embora era trabalho da residência né? Mas assim, quem escreveu foi as meninas, a M... C... coorientou, a E... não mexeu, mas como era dentro da residência também era trabalho dela. Mas assim, no PIBID, eu tive muito mais contato com o JP e com o supervisor eu tive quase que zero. Nesse último ai foi zero, no primeiro eu tentei conversar pra saber mais ou menos qual seria o tema deles, o que seria mais interessante, qual o conteúdo que ele queria que fizesse alguma coisa, se ele tinha alguma sugestão, porque assim eu gosto de saber, eu não gosto de me enfiar de cabeça dentro da aulas dos outros né? Eu acho que só o professor da disciplina sabe sobre os seus alunos, como eles são, quais são as deficiências deles. Então eu sempre gostei de saber a respeito disso né? Então foi o único contato que eu tive com o supervisor na época, no projeto de 2018, e depois nesse último projeto eu tive contato zero com o supervisor, zero, zero mesmo, nem sei quem é que foi direito o supervisor. Eu acho assim que quem teve mais contato foi os alunos, então eu acho que isso pra eles é mais importante. Agora com o JP contanto sempre, tem os feedbacks a respeito das correções não sei o que, o JP sempre dava as orientações dele também, por ele ser mais experiente e isso ser trabalho dele, da coordenação, então foi isso assim, eu tive mais contato com ele. Agora com os supervisores, sei nem quem que é direito.

**Pesquisadora:** Ok. Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar que não foi comentado ainda? Alguma crítica ou sugestão em relação ao PIBID?

**PF01:** Ah, sobre o PIBID, uma das coisas que foi até comentado pelo professor Marcelo que eu acho as vezes assim, talvez pela falta de tempo do JP, agora não vai ser ele que vai coordenar né, mas assim pra ter essas parcerias, seria bom do jeito que vocês alunos tiveram orientações, a gente também poderia ter reuniões pra poder estipular algumas coisas que são necessárias, como deve ser... que as vezes a gente ta acostumada com um jeito, a pessoa com outro e as vezes acaba você falando uma coisa, o outro fala outra e acaba assim, o aluno fica no meio e não sabe o que faz. Mas assim, não tenho o que reclamar muito. Só tenho a agradecer ao JP, as oportunidades que ele me deu, porque pela minha falta de experiência não sei se teria outra pessoa que falaria assim “ah, nem vou deixar já que não tem experiência” muito pelo contrário, as vezes até a gente precisa de um pouco de orientação, como eu disse, por ser uma coisa que não é da minha área. Mas assim, de resto, não tenho crítica, acho que o

trabalho tem sido bem feito, tem atingido o objetivo que é incentivar os alunos a permanecer no curso, incentivado os estudos, que eu vejo assim os alunos antes do PIBID e depois do PIBID são bem diferentes né? São mais ativos dentro do curso, e isso assim, pelo menos dos PIBID que eu conheço, a gente tem que parabenizar o JP pelo trabalho que ele fez. Então é isso.

**Pesquisadora:** Ok. De minha parte eu já finalizei, mas se quiser continuar falando.

**PF01:** Não minha filha hahahaha se deixar eu falo, falo, falo. Não, precisamos descansar, Simone. Amanhã tenho aula 7h da manhã. Mas é isso, espero que tenho ajudado em alguma coisa, porque eu sou um ponto meio fora da curva ai né? Eu acho que dos professores que orientou eu sou um ponto bem diferente dos outros, acho que sou a única que sou formada em bacharel, acho que todos os demais são licenciados em Química. Eu sou a única que fez em dois lugares universidade, então assim é mais difícil né? Ah é isso.

**Pesquisadora:** Só mais uma coisinha que eu esqueci de perguntar, você chegou a fazer alguma publicação com o pessoal do PIBID?

**PF01:** Não, não cheguei. Inclusive assim, no primeiro trabalho, precisava ter apresentado de novo pra gente arrumar algumas coisas, porque assim, são trabalhos que são validados dentro do próprio grupo do PIBID né? Isso no primeiro e no segundo também foi, mas a validação foi diferente. Então quando eles foram lá, várias coisas que era pra ter colocado e não colocaram, por exemplo o nome das pessoas, e ai com os resultados que a gente teve, a gente não conseguia identificar quem era quem ali sabe? Pra poder escrever. Tinha várias coisas interessantes, mas não tinha como a gente analisar direitinho como é que foi o processo da oficina com relação da castanha né? Já no segundo, inclusive conversei com um dos alunos e falei “ah, eu não abandonei não, eu tenho um super interesse em publicar alguma coisa”, como a apresentação deles, que eu falei que assisti, eu falei assim “olha, é melhor nem colocar o resultado disso, porque não foi muito legal, que eu vi algumas coisas que precisavam melhorar. Mas se vocês fizerem uma segunda apresentação vai dar pra vocês terem um resultado melhor pra poder escrever né?”. E ai acabou que eles não conseguiram apresentar no EVEQUIM e agora eles estão só aguardando pra poder fazer uma apresentação na escola, e ai assim que tiver já um resultado melhor, de ter melhorado a oficina, até de como passar o conteúdo, tinha coisas lá desnecessárias, coisas que eram necessárias não foram abrangidas na oficina. E ai a gente trabalhou muito isso pra melhorar e ai ta aguardando pra ir fazer a apresentação da oficina na escola pra poder dar uma conclusão nesse trabalho. Então a gente

não tem nenhuma publicação, mas tem interesse ai, esse aluno é bem esforçado e eu acredito que ele vai dar continuidade sim.

**Pesquisadora:** Ok. No mais é isso, eu agradeço novamente por ter participado.

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PF02

**Pesquisadora:** Bom, primeiro eu gostaria de agradecer por ter aceitado participar da minha pesquisa, que tem como título “PIBID: uma reflexão acerca do seu papel para a formação dos professores formadores do curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho” e o objetivo da minha pesquisa é “investigar o papel da participação como orientador dos pibidianos de Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho para a formação dos professores formadores” no caso você foi um desses professores que chegou a atuar como orientador dos pibidianos. Então a minha pesquisa busca investigar como que essa participação refletiu para a sua formação, se apresentou algum reflexo ou não né? Que isso pode ter acontecido também. Caso não queira responder alguma questão fique à vontade.

**PF02:** Humrum.

**Pesquisadora:** A primeira questão é em relação a sua idade.

**PF02:** 49 anos.

**Pesquisadora:** A formação acadêmica e onde obteve a graduação.

**PF02:** Bem, eu sou doutor(a) em Química eu me formei no instituto de Química da UNESP em Araraquara – SP, eu fiz lá a graduação, fiz o mestrado, fiz o doutorado e um pós doutorado também.

**Pesquisadora:** Certo. E qual foi o período da graduação, do mestrado, do doutorado e da pós? Se conseguir lembrar.

**PF02:** Huumm... ta, da graduação entrei em 1996 e me formei em 1999, ai depois eu fui seguindo direto de 2000 à 2002 mestrado; de 2002 à 2006 doutorado e de 2006 até 2008 pós doutorado. Foi seguido.

**Pesquisadora:** Há quanto tempo atua no ensino superior?

**PF02:** Desde 2008. Desde 7 de outubro de 2008. Isso vai dar o que? tenho 13 anos vou completar 14 anos esse ano.

**Pesquisadora:** Foi nesse curso mesmo que iniciou ou chegou atuar em outro?

**PF02:** Não. Eu fui efetivado desde início aqui no campus de Itabaiana no departamento de Química.

**Pesquisadora:** Você gostaria de falar um pouco sobre a sua graduação a experiência que você teve?

**PF02:** Na graduação?

**Pesquisadora:** Isso.

**PF02:** Bom. A experiência que tive na graduação não foge muito das experiências que vocês alunos de graduação tem hoje né, o curso de química é um curso que historicamente por ser um curso de exatas e não curso tem essas complexidades como todo o curso que tem né, mas é um curso que exige uma certa atenção né, uma certa dedicação porque justamente pelos temas né, pelas áreas que são abordadas eu acho que tudo, bem com tudo que você faz na vida você tem que fazer o que gosta né, mais química você tem que gostar bastante muito mesmo ser muito curioso você tentar entender a natureza né, pra você enxergar ver a química a beleza que a química tem né, e por que a química eu entendo a química como uma ciência que é central dentro de tudo é a partir da química você explica os mecanismos biológicos os mecanismos da vida formação produção de materiais tudo ligado a sociedade tá ligado a química né, então foi pensando nessa maneira que eu achei interessante que eu achei legal o curso de Química, assim como eu falei não é um curso simples né, teve lá seus cálculos da vida teve as físico química então por isso eu falei que não é muito diferente do que vocês alunos passam não né, mas tem de gostar muito tem que se dedicar bastante e achar beleza no curso pra você chegar até o fim.

**Pesquisadora:** Só pra entender o seu foi bacharel ou licenciatura?

**PF02:** Bacharelado.

**Pesquisadora:** Então você não chegou a ter nenhum contato com alunos da educação básica durante sua formação?

**PF02:** Alunos da educação básica não. durante o ensino médio eu participava de bancas eu participei de uma escola de bancas como posso falar de uma escola de reforço e eu era

professor das áreas de exatas dava aula de física matemática então o único contato que tive era dando aula particular para alunos de escola de ensino médio aulas de ensino básico não. Se é eu você tá considerando ensino básico é quando você fala ensino básico é tudo, eu dei aulas mais pro ensino médio 1º, 2º e 3º ano entendeu mais abaixo disso nunca ministrei aula não.

**Pesquisadora:** E você consegue perceber alguma semelhança que teve entre seu curso de graduação e o curso que você atua hoje em dia? Porque foi bacharel e esse que você atua é licenciatura.

**PF02:** Você fala do que eu aprendei e onde eu estou. É isso que você quer dizer?

**Pesquisadora:** Isso. Você consegue ver alguma semelhança entre os dois cursos?

**PF02:** Eu consigo. Vamos lá. Assim que eu cheguei aqui, apesar de minha formação de bacharelado, eu estranhei um pouco né, porque na verdade eu tô num curso de licenciatura formando professores então eu vi que certos enfoques certas atenções elas eram diferentes né, você tá formando professores então você tem que ter uma visão mais humana e no bacharelado a gente não tem isso né, a percepção que eu tenho do bacharelado é que a coisa mais exata é disciplina é uma carga de disciplina muito grande então a gente não tem espaço pra disciplinas de discursão da área de ensino, não tem disciplinas de formação, não tem disciplina didática então essas coisas a gente não tem é só a parte exata mesmo da coisa. Então eu quando vim pra cá eu percebi que precisava ter esse olhar né mais humano né por conta eu agente tá formando professores né e não bacharéis. Bacharéis ele vai atuar nas indústrias e professores a gente vai formar pra dá aula na escola ai tem que ter essa característica mais humana digamos assim, então eu vi sim sentir essa diferença.

**Pesquisadora:** Com base nisso, nessa sua formação que teve totalmente técnica e a sua atuação para alunos do ensino médio, como que foi essa atuação? você chegou a desenvolver algum material didático que fosse utilizado em suas aulas ou foi aquela aula mais tradicional mesmo?

**PF02:** Ah não, eu sempre tentei inventar metodologias justamente pelo fato de, inventar não, implementar, inventar não é uma palavra correta pro momento, mas assim eu sempre usava novas metodologias, porque pelo fato de eu ser um professor que estava num curso de licenciatura conversava muitos com os professores da área de ensino, então era legal essa interação porque eles mostravam justamente essas questões das dificuldades que o aluno tem,

então e de como você fazer com que o conteúdo chegasse aos alunos de maneira assim mais didática, de maneira que ele conseguisse ter uma maior aprendizagem então assim eu desenvolvi algumas metodologias, mas nada de novo era por exemplo aplicar provas, ai tinha turmas que tinha seminários, aplicava provas semanais que chamava de micro teste que era para o aluno fazer com que o aluno sempre tivesse estudando semanalmente aí depois tinha uma prova final, aí tinha os seminários que eram relacionados aos temas que eu dava na aula. Então assim, eu tentava fugir um pouco, eu cheguei até dar uma turma é baseada em PBL né aprendizagem baseada em problemas, cheguei a trabalhar algumas coisas então assim eu evitava muito o ensino tradicional como podemos dizer, eu sempre inseria algumas metodologias, nada assim inovador não, mas alguma coisa que saísse um pouco daquela coisa de só o professor dar aula e o aluno tá só ouvindo e recebendo, sempre fazia maneiras que o aluno fosse também o protagonista da aula.

**Pesquisadora:** Certo. E antes de você atuar no Ensino Superior, você chegou a desenvolver alguma pesquisa em ensino de Química? Como foi isso?

**PF02:** Assim, como o curso daqui do *Campus* de Itabaiana ele é licenciatura, então no TCC a gente tinha lá pesquisa em ensino, então eu como professor de bacharelado, trabalhava, por exemplo, com a pesquisa aplicada a materiais etc... o PIBIC iniciação científica, minha linha era mais essa. Quando a gente vai pro TCC, pra pesquisa em ensino, eu como professor, eu tenho que acabar entrando nessa área, então foi a partir das orientações da pesquisa em ensino juntamente com os professores da área de ensino que a gente foi desenvolvendo trabalho, você entendeu? Então na verdade eu tava aprendendo. Então como eu não tinha essa formação, eu orientava e ao mesmo tempo que eu orientava eu aprendia muito. Então já trabalhei em vários temas, já fiz estudo de caso, já fiz transposição didática, já trabalhei com isso, então assim acabei desenvolvendo alguns trabalhos na área de ensino por conta do aspecto da disciplina de TCC, porque pra você orientar você tem que ter pelo menos uma fundamentação básica né? Eu não tinha, acabei aprendendo ao decorrer do tempo, mas isso é graças a estudos e certas interações com os professores de ensino de Química que foram fundamentais nessa parte. E a partir disso fui aprendendo e reexplicando ainda mais a área e vendo mais ainda qual que é a proposta do curso de Química Licenciatura, coisa que não via muito quando era no bacharelado.

**Pesquisadora:** Ok. Vamos retomar um pouquinho só pra ficar mais claro, a sua atuação na Educação Básica foi logo após você finalizar a graduação?

**PF02:** Isso. É. Acabei a graduação e tava fazendo mestrado, ai abriu uma escola de reforço, a proprietária me chamou e eu ficava quando tinha algum aluno de reforço. Então minha primeira experiência que me ajudou muito na parte da didática, porque a partir dai que você começa ensinar, é aquela velha história né? Ensinando é que se aprende. Então você começa ensinar, você começa ver onde tem que melhorar né? Fazer com que o aluno entenda o conteúdo que você ta passando, então foi nesse momento ai que melhorou a didática e contribuiu para fazer o concurso né? Rsrtrs

**Pesquisadora:** Certo. Voltando agora, retomando o foco, no PIBID, como tem sido pra você esse trabalho de orientar os pibidianos nessa produção de material didático, de pesquisa?

**PF02:** Então, ai é outro desafio, porque no PIBID eu senti que é você ter algo na prática mesmo porque eu acompanhava os alunos nas escolas, desenvolvia material didático, mas ai é que ta, nada é impossível de se aprender, todos nós somos dotados de inteligência, todos nós temos a capacidade de aprender, sair da zona de conforto e impor coisas que você a princípio não sabe, não tem tanta familiaridade, mas foi um desafio muito grande pra mim porque mais ainda eu via como que era o desenvolvimento de material didático, ai você tem que ter conhecimento de novas literaturas tem coisas que você consegue entender mas simplesmente tem coisas que você acaba compartilhando com professores de ensino. O professor do Ensino Superior já pega o “produto” meio que lapidado, quando você vai pro ensino básico já é outra característica, outros desafios. E é nessa hora que eu, por não ter sido licenciado, ser bacharelado, falta justamente essa visão, e o PIBID me deu essa visão, porque como eu te falei, eu dava aula de reforço, era um aluno, dois alunos, era uma outra questão também ensino médio, mas quando você vai pro ensino básico na escola com aqueles alunos falando, todos falando ao mesmo tempo, aquele controle que você tem que ter da sala de aula... eu no primeiro momento eu senti um certo impacto “falei rapaz”, por isso que eu falo que temos que bater palmas para o professor da Educação Básica porque esse sim é um herói, não que nós do Ensino Superior não seja, mas quando você ta no Ensino Superior o aluno já é mais responsável. O professor do Ensino Superior vai apenas te orientar e mostrar o caminho, se o aluno quer seguir problema do aluno, mas quando você ta no ensino básico não, no ensino básico você tem uma responsabilidade muito grande de encaminhar aquele aluno ali para a formação dele, visando já o ensino superior e etc. e ai eles não tem ainda aquela maturidade toda, então foi um desafio pra mim, foi muito bom, foi bom mas foi um desafio, e complementou, porque faltava essa lacuna de saber como que é dar aula numa sala de aula

com mais de 30 alunos, jovens entendeu? E o PIBID proporcionou isso pra mim. Não sei se tô sendo claro.

**Pesquisadora:** Ta. Ta sim. em relação a elaboração do material, não em relação a execução em sala de aula, mas na elaboração mesmo você encontrou alguma dificuldade em orientar?

**PF02:** Eu, particularmente, eu encontrei. Assim, veja Simone, eu fiquei muito nos aspectos teóricos, quando você vai preparar material didático tem toda a metodologia num aspecto mais humano de como passar e tem os aspectos mais teóricos, a base química né? Então eu ficava muito atento a parte química e discutia com os alunos e com os professores da área de ensino os aspectos didáticos, digamos assim. Então, é como eu te falei, a gente não sabe tudo, se a gente não sabe tudo a gente tem que recorrer as pessoas que entendem e complementar os conhecimentos. Então era isso que eu fazia, eu me atentava muito a parte teórica, a parte química e questionava algumas coisas da parte de metodologia, da parte da didática, o que eu podia dentro do que eu entendia das discussões eu ajudava, mas as vezes tinha certas coisas que eu preferia não me “intrometer” justamente por não ser a minha área, você entendeu? Mas assim, o que era legal era a troca de ideias, mas como eu falei, foi desafiador pra mim rrsrs.

**Pesquisadora:** Ok. Se você pudesse especificar mais um pouco como que esse processo de orientação desses materiais pode refletir ou influenciar sua formação de alguma forma, isso aconteceu?

**PF02:** Aconteceu. A orientação no PIBID veio pra complementar a minha própria formação, porque eu sou professor, mas professor do Ensino Superior que teve formação de bacharelado, que não tinha essa característica humanística de metodologia né? O PIBID veio pra complementar essa minha formação, veio preencher uma lacuna que eu não tive por conta da minha formação em bacharel entendeu? Então pra mim o PIBID foi nesse sentido de complementação, o próprio PIBID complementou a minha formação enquanto docente. Tava lá complementando a formação de vocês, mas também ajudou na minha formação e eu vejo como isso veio agregar mais ainda esse lado que eu não tinha e não tinha por quê? Por causa dessa minha formação de bacharel, que a gente no bacharel não tem essas nuances né? O PIBID veio complementar, preencher essas lacunas.

**Pesquisadora:** Isso refletiu também na sua atuação em sala de aula, na sua linha de pesquisa ou ficou mais na parte reflexiva mesmo?

**PF02:** Mexe nas duas coisas, mexe na reflexiva, mexe na questão de você cada vez mais mostrar que o que eu faço é o que eu gosto de fazer, que é formar pessoas, fez eu pensar no que é que eu posso melhorar enquanto professor pra dar uma boa aula, pra fazer com que o aluno entenda por mais complexo que seja aquilo que eu tô explicando, que chegue ao aluno de maneira que ele consiga entender e aprender aquilo né? Então assim, pra mim foi muito bom nesse sentido.

**Pesquisadora:** Ok. E em relação a sua interação com o supervisor e o coordenador de área? No caso o supervisor é o professor da Educação Básica e o coordenador de área foi JP né até então, o que isso pode trazer pra você?

**PF02:** Ah pra mim foi também troca de conhecimentos, só ganhos. Quando você troca conhecimento, ambos ganham né? Então como eu falei, você não sabe de tudo né? Quando você troca conhecimento, você ganha experiência, você adquire modos de ver outras visões, outros pontos de vista. O JP é uma pessoa que eu tenho muito respeito, tanto pelo pessoal quanto pelo profissional, então foi muito bom, sempre gostei do JP, de discutir com o JP, conversamos muito sobre isso, sempre aprendo muito com o JP sobre essa parte de ensino. Eu tinha também supervisor o D... que foi aluno do *Campus*, que foi egresso do curso de Química. Então assim, foi muito bom, não tenho do que reclamar não, foi uma experiência muito boa, tenho muita saudade do PIBID, de orientar o PIBID. Ajudar na orientação na verdade, eu entendo que eu fui um auxiliar na orientação.

**Pesquisadora:** Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar? Pode ser até críticas se tiver.

**PF02:** Não, não. Eu acho só que programas como o PIBID devem sempre ser incentivados, deve ter uma luta para que esses programas se mantenham na universidade, mesmo sabendo hoje que você tem cortes de recursos que inviabiliza certos programas, certas situações. Mas, o PIBID eu acho ele de fundamental importância pra formação do professor, tanto como aluno quanto professor que não é da área de ensino, entendeu? É isso que eu quero dizer, porque se é um professor da área de ensino é mais um ganho que ele tem, mas assim, eu enquanto professor que a minha formação não é na área de ensino mas no bacharelado, quando você participa de programas como o PIBID, você só tem a ganhar. Então você tem mais que incentivar que esses programas se fortaleçam dentro da universidade e que vocês lutem pra que se mantenham pra vocês e para as gerações que vão vir entendeu? Pra mim é muito importante o PIBID. Eu tenho assim também que parabenizar os professores, os

coordenadores que se envolvem nesse projeto, que compram e vestem a camisa. Então o que eu quero dizer assim, pra finalizar, é que o PIBID é muito importante, tem que ser mantido na universidade.

**Pesquisadora:** Ok. Bom de minha parte eu já finalizei, mas se quiser ficar batendo papo, tudo bem rrsrs.

**PF02:** você já entrevistou muita gente?

**Pesquisadora:** Já, essa é a terceira e tem duas na fila.

**PF02:** Ta, depois no finalzinho quero ver o seu material viu. Me chame pra sua banca.

**Pesquisadora:** Ok, vou chamar. O problema é mudar a banca.

**PF02:** Não, mas não é pra banca não.

**Pesquisadora:** Ah sim, pra assistir né? Chamo sim.

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PF03

**Pesquisadora:** Boa tarde novamente

**PF03:** Boa tarde.

**Pesquisadora:** Primeiro eu gostaria de agradecer por ter aceitado participar da minha pesquisa cujo título é: PIBID: uma reflexão acerca do seu papel na formação de professores formadores do curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho. Tem o objetivo de investigar o papel da participação como orientador dos pibidianos de Química da UFS para a formação dos professores formadores. No caso você foi um desses professores que chegou a orientar os pibidianos e o objetivo da minha pesquisa de uma forma resumida é analisar se houve algum reflexo para a sua formação a partir dessa sua participação no PIBID. Caso não queira responder alguma pergunta pode se sentir à vontade para recusar. Podemos começar?

**PF03:** Até porque se eu não tiver o que falar rrsrs. Pode começar.

**Pesquisadora:** A primeira é em relação a sua idade

**PF03:** 41 anos

**Pesquisadora:** Ok. A sua formação acadêmica e a instituição onde você obteve a sua graduação.

**PF03:** Eu sou químico(a) licenciado(a) pela Universidade Federal de Sergipe campus de São Cristóvão.

**Pesquisadora:** Ok. Fez pós-graduação?

**PF03:** Sim, sim. Eu fiz mestrado na mesma instituição no departamento de Química da Universidade Federal de Sergipe e doutorado na Universidade Estadual Paulista no Instituto de Química com doutorado em Sanduíche na Universidade de Wisconsin nos Estados Unidos.

**Pesquisadora:** Quanto tempo durou sua graduação, mestrado, doutorado... qual foi o período? você consegue lembrar?

**PF03:** Minha graduação eu iniciei em 2002, eu acho que maio de 2002, e ela durou 3 anos e meio eu graduei em 7 períodos né eu consegui adiantar minha graduação e obtive em 7 períodos, 3 anos e meio foi lá pra agosto de 2005. Em janeiro ou fevereiro de 2006 já ingressei no mestrado e aí obtive o título em 2008. Em 2008 ingressei no doutorado e obtive o título em 2012. Então foram 3 anos e meio de graduação, 2 anos de mestrado e 4 anos de doutorado aproximadamente.

**Pesquisadora:** Ok. E há quanto tempo você atua no ensino superior?

**PF03:** No ensino superior... após eu defender meu doutorado em 2013 eu iniciei um pós doutorado. Foi quando eu finalizei o pós doutorado em junho de 2015, porque em julho de do mesmo ano eu ingressei na Universidade Federal Rural de Pernambuco, então eu estou como professor efetivo né, juntando o UFRPE e UFS, há 7 anos.

**Pesquisadora:** E a quanto tempo você vem atuando no curso de Química aqui de Itabaiana?

**PF03:** No curso de Itabaiana, 5 anos. Eu cheguei aqui em julho de 2017, isso 5 anos.

**Pesquisadora:** Ok. Você gostaria de falar um pouco sobre a sua graduação?

**PF03:** Na minha graduação, diferentemente de vocês, ééé eu não tive que, eu posso estar errado aqui em afirmar, mas eu não lembro de ter programa de iniciação a docência né? já existiam os programas de iniciação científica, até eu participei, só que eu não lembro de ter residência pedagógica, iniciação a docência, PROLICE... esses projetos que eu hoje vejo e vocês vivenciam. não vou aqui afirmar que não existiam pra eu não tá afirmando algo que eu

não tenho certeza. contudo, eu não lembro. Éééé... durante o período que eu fiquei lá na graduação eu não lembro de nenhum desses programas. Então, minha graduação na parte de ensino ela foi mesmo experimentada com as disciplinas e os estágios. Eu não tive nenhuma outra experiência, como projetos voltados para iniciação a docência. Então o que eu tive de experiência foi justamente, o tempo que eu tive experiência exclusivamente em sala de aula, foi o último estágio foram 6 meses. Então em relação a parte de ensino de Química da minha graduação eu considero, comparando o que eu vejo hoje de oportunidades que vocês têm, eu vejo que ela era muito defasada. Sem contar também o direcionamento das disciplinas, então eu não vou lembrar o nome delas mas eu tive no departamento de Química 4 disciplinas voltadas para o ensino de Química. E aí outros departamentos também tinham né introdução a psicologia do desenvolvimento e aprendizagem, tinha didática né? Só que era um disciplinas ofertadas por outros departamentos né? Psicologia, educação e que não tinham um foco em Química exclusivamente. Então eu vejo hoje dentro do PPC que a gente tem no curso, vocês têm a oportunidade de transitar por diferentes experiências dentro da Química e isto é o que eu percebo que eu não tive enquanto graduando naquela época.

**Pesquisadora:** Então essa seria a principal diferença que você consegue enxergar entre a sua formação e o modelo de curso no qual você atua hoje em dia?

**PF03:** Isso, isso. Assim, trazendo principalmente um olhar pra o ensino de química né?!

**Pesquisadora:** Certo. E você falou assim, por cima, que teve pouco contato com a Educação Básica, você poderia falar um pouco mais?

**PF03:** Eu tive contato no último período com a Educação Básica, porque tinha acho que era é estrutura e ensino de química 1,2,3,4 eu não lembro direito né já faz um tempinho. Mas só no último estágio foi que eu tive a possibilidade de aplicar o projeto, como a gente tem aqui né? vocês têm esse modelo né o que vocês fazem primeiro é entender como é a sala, planejar e no último momento que vocês vão lá executam. Mas aí vocês tem, além desses estágios, vocês tem também a questão de PEQ né? PEQ 1, PEQ 2, tem metodologia... então tudo isso vocês têm dentro do curso de vocês. Então eu só fui mesmo sentir a sala de aula no último período, foi quando eu fui aplicar o projeto né em uma escola estadual no turno da noite. Foi quando eu tive essa experiência e assim, dentro do pouco de experiência que eu tive, foi um dos motivos para que eu ingressasse no mestrado. Porque senão eu ficaria ali e eu não ia ficar com o título né? com uma formação na verdade e sem fazer nada eu ia lecionar. Então foi quando eu disse “não eu vou fazer o mestrado” gosto da área acadêmica, eu gosto e me identifico com

a área acadêmica, mas eu no momento eu não me via só e somente só, que isso não é pouco, é muito e é bastante, mas eu não me via atuando somente no sentido diminuto da atuação [...] aplicação da formação na sala de aula então foi uma maneira de dizer “não, eu vou fazer o mestrado e doutorado, vou para a linha acadêmica, área acadêmica né?” e eu me identifiquei só que eu vou também ter a oportunidade de desenvolver outras atividades de pesquisa, extensão, gestão enfim... Então foi quando eu tive assim, pela pouca experiência que eu tive enquanto aluno de graduação.

**Pesquisadora:** Certo. Você chegou a atuar na educação básica em algum momento, como professor mesmo e não como estagiário?

**PF03:** Na educação básica, se classificar educação básica acredito que não, porque eu tive experiência em um pré vestibular particular. Mas isso não foi pós formação, eu acho que foi nos últimos períodos da minha graduação, eu acho que no último semestre eu lecionei em um pré vestibular, só que a estrutura, a ideia é totalmente diferente de uma escola, de uma sala de aula né? O foco lá era aprovar. Então você tem um modelo diferente de abordagem né? Mas fora estágio eu não tive nenhuma experiência no ensino básico.

**Pesquisadora:** Certo. E nessa sua experiência atuando, você chegou a desenvolver algum material didático ou era aquela aula mais técnica mesmo?

**PF03:** No qual? Você fala no estágio?

**Pesquisadora:** Tanto no estágio quanto nesse pré vestibular.

**PF03:** Não pré vestibular era reproduzir conhecimento né? era responder questão e responder questão, dizer que essa tem a probabilidade de cair e essa não. Esse é o rendimento, era o rendimento né? a formação era aquela e no estágio a gente desenvolveu um projeto que a gente associava, a gente fez a contextualização né? A gente tinha a problemática que era questão de descarte aleatório de baterias e a gente contextualizou isso pra ensinar eletroquímica então a gente elaborou um projeto e aplicou na escola. Defendeu o TCC, teve todo esse trajeto. Mas a gente elaborou um projeto antes, esse projeto ele foi orientado por uma professora em outras disciplinas anteriores e no último a gente faz aplicação.

**Pesquisadora:** Ok. E no PIBID, como tem sido pra você esse trabalho de orientação dessas propostas para Educação Básica? Porque no PIBID você orienta também a desenvolver as oficinas temáticas e elas funcionam como uma metodologia, uma proposta para Educação Básica, como tem sido isso pra você, esse trabalho de orientação?

**PF03:** Então, no PIBID assim que eu assumi lá em Pernambuco, lá na UFRPE, eu fui convidado para participar do programa pela então coordenadora lá do programa na UFRPE. E aí foi quando eu já tive minha primeira experiência né em orientar PIBID, de conhecer o programa e orientar. E eu via o quanto de atualização você também quanto orientador consegue obter em relação às temáticas, porque a gente tem, eu enquanto químico licenciado, eu sempre né busco uma linha. É importante você contextualizar pra você sair né dessa linha tradicionalista né? de ensino verticalizado, contudo é importante você contextualizar com o conhecimento químico né? Então você contextualiza com uma problemática, com o cotidiano, mas que você também carregue junto a isso o conhecimento químico para aquela situação. Lá né? e aqui também, o que eu vejo de lado negativo é que algumas vezes a gente é perde um pouco a questão do conhecimento puro né? do trabalhar o conhecimento químico e foca bastante na contextualização. é é é isso é é ruim? Não. Focar na contextualização não, mas quando você consegue trazer o conhecimento químico. Imagine como é que eu vou saber né, por exemplo, conscientizar uma classe em relação ao uso de anabolizantes, aos esteroides se eu não levar junto a eles, por exemplo, funções orgânicas? Então eu atrelo a contextualização ao conhecimento químico, que é [...] você trazer né de que forma você vai trabalhar esse conhecimento químico, através de uma oficina, através de um estudo de caso, através de experimentação, enfim... então, o lado ruim, ruim não, o lado negativo que observei foi esse. O lado positivo é romper essa barreira que os alunos têm em relação a não querer aprender Química, porque Química é chata e Química é muito difícil. E quando você traz essa experimentação, esse estudo de caso, como você contextualiza e mostra a importância da Química, essa barreira ela se dissocia, ela vai quebrando aos poucos e os alunos as alunas começam a perceber que não, Química não é algo ali puro, que é só molécula, que é só fórmula, que é só cálculo. É o que tá ali no nosso cotidiano e conseguimos observar, podemos observar e depois aprender e aprender e observar ao mesmo tempo. Então o PIBID ele tem esse papel muito importante né? de trabalhar dessa forma, de romper mesmo, de dissociar né? de dissolver essa barreira. Não sei de onde surgiu isso que os alunos criam em relação a Química né? Em relação às fórmulas, em relação aos cálculos e não ter sentido né? E o PIBID justamente ele vem nessa linha né? de dar o sentido de que a Química tem, que ela tá presente, é fundamental e ela é essencial. Então o PIBID eu trago né? mais ou menos nessa linha de forma positiva. E eu aprendo bastante com o PIBID.

**Pesquisadora:** Ok. A sua primeira experiência foi como orientador, semelhante ao que acontece aqui ou foi como coordenador de área?

**PF03:** Não, não. Foi como acontece aqui. Eu fui orientador e era na mesma linha que aqui segue né? desenvolvimento mais da questão das oficinas. Eu queria tanto que tivesse outros métodos que não fosse só oficina, vamos colocar os alunos pra trabalhar estudo de caso.

**Pesquisadora:** Você encontrou alguma dificuldade nessa questão de orientação, na questão de orientar os pibidianos a elaborar mesmo o material, você enquanto orientador sentiu alguma dificuldade?

**PF03:** Eu enquanto orientador o que mais me despertou foi a dificuldade, eu orientei pouco aqui né e lá também orientei acho que 2 grupos. Aqui orientei 2 e um não finalizou por questões né? que houveram problemas, mas o primeiro que eu te eu finalizei. Com esse primeiro eu não tive problema, não tive problema por características das orientandas de proatividade, de interesse, então não tive problema nenhum. Na segunda etapa, eu tive muito problema por características né dos orientandos e por limitação do conhecimento químico. O que eu via mesmo é que, por exemplo, a gente trouxe uma temática para desenvolver uma oficina e eu vi a limitação, por parte de quem tava ali como discente, do conhecimento químico. Porque imagina a dificuldade que o aluno, aluna vai ter em desenvolver uma oficina atrelando uma contextualização se não sabe se não tem conhecimento de química. Então foi o que mais assim me chocou, acho que essa questão, não quero entrar em mérito, mas essa questão de que o aluno ele já entra na universidade e ele já pode participar do PIBID, deixa o aluno nessa situação, deixa um pouco limitado em trabalhar alguns temas, porque o aluno ele ainda tá precisando do conhecimento universitário em relação a Química e isso limita bastante. Ah é pra mudar? Não, não é isso que tô dizendo. Eu tô dizendo que é uma limitação que eu percebo em relação ao desenvolvimento dos projetos.

**Pesquisadora:** Certo. E em relação a pesquisas em ensino de Química mesmo, você já chegou a orientar outros projetos além do PIBID?

**PF03:** Não, não, não. Tô aqui tentando lembrar... não. Eu não participei de PROLICE, não participei de residência, eu hoje tô junto né eu sou coordenador adjunto de um apoio pedagógico que está vigente aqui no departamento de Química e que é coordenado pela professora I... Mas fora isso eu não tive participação em nenhum outro tipo de projeto voltado pro ensino de Química não.

**Pesquisadora:** Certo. E com relação a TCC?

**PF03:** TCC é a minha tristeza até agora aqui no curso de Química. Porque? Porque eu tô aqui desde 2017, 5 anos, e eu estou com o meu primeiro aluno de TCC eu vejo eu vejo assim com muita dificuldade essa possibilidade de estar orientando alunos e alunas do curso. Então eu tô aqui eu com 5 anos e eu tô com um aluno de TCC. Então isso eu acho muito ruim pra mim, porque a partir do momento que você se envolve mais com os projetos do ensino você aprende muito mais. Eu aprendi muito com o projeto que eu participei mesmo da do PIBID, eu aprendi muito em relação a isso. Com o TCC agora que eu tô orientando eu tô aprendendo bastante né em relação a isso, que é troca de conhecimento não é? Às vezes o aluno aluna chega lá com o projeto “professor eu quero que você me oriente, mas minha ideia é essa” às vezes eu não sei de nada sobre aquela temática, mas o que é que eu vou fazer? Eu vou lá, junto com ele, a gente aprende. Então é uma troca eu vou passar pra ele minha experiência, enquanto orientação, enquanto conteúdo e ele vem trazendo e atualizando, então é uma troca. Eu sinto muita falta aqui, porque eu lembro quando eu cheguei lá na UFRPE, nossa o tempo curto que eu fiquei lá eu orientei 2, e eu não orientei mais que eu já tava vindo pra cá, que eu já tinha. Só que aqui eu tenho um, eu não vou dizer que é mágoa, mas eu vejo isso com muita tristeza assim eu não eu não ter essa demanda de orientação de TCC, mas espero que isso mude com o tempo.

**Pesquisadora:** E em relação a, na verdade é uma retomada pra dar uma fechada na ideia, como é que esse processo de orientação de tudo o que você já participou, não somente para esse TCC que você tá participando agora como orientador, como dos PIBID, tanto os daqui de Itabaiana quanto o outro, como é que esse processo de orientar ele se reflete na sua atuação docente ou nas suas linhas de pesquisa? existe alguma relação do que você faz hoje com esse processo de orientação?

**PF03:** Bem, lá na UFRPE eu trouxe uma parte do que eu tinha feito da minha graduação, que era parte mesmo da questão das pilhas e baterias, eu trabalhei um pouco com isso e eu trabalhava muito com a questão assim voltada pra eletroquímica. Como eu tenho um pezinho na eletroquímica, que eu sou da (área de conhecimento específico), então eu sempre ia associando. Mas quando eu vim pra cá, eu saí, foi quando eu recebi né é a dupla para orientar, eu saí muito disso e fui pra outro foco. Foi quando eu percebi o quanto isso é bom pra gente né? A gente sai da linha que a gente atua pra orientar e vem com outras linhas, porque aí você começa a ampliar essa janela de orientação. Então é eu vejo orientação como justamente isso, ampliação de atuação profissional. Então eu, por exemplo, eu cheguei aqui né com uma linha de pesquisa e eu não conseguia ver essa linha de pesquisa atrelada exclusivamente ao ensino

de Química. Aí o que foi que eu fiz? Eu comecei a estudar a linha de pesquisa de qualidade de água, aí dentro dessa linha de pesquisa de qualidade de água hoje eu consigo imaginar diversas temáticas para trabalhar no ensino de Química. Então, é a orientação em si, ela é justamente isso, ela amplia sua janela de atuação enquanto profissional, tanto na parte de ensino, como na parte de pesquisa, de orientação enfim, diversos segmentos.

**Pesquisadora:** Ok. Na sala de aula, você acha que mudou alguma coisa a partir dessa sua participação? Na forma como você conduz as aulas?

**PF03:** Na minha formação, apesar de ser antiga, ela trazia um pouco já essa sala né? naquele tempo não usava esse termo né? Invertida. E não é isso né? Mas assim, não ser verticalizado. Contudo, à medida que você vai participando de uma orientação PIBID, as orientações voltadas para o ensino de Química né? Quando o aluno te traz alguma ideia, alguma informação escrita, alguma oficina, você para e diz “oxe, eu posso tá usando isso, eu posso tá fazendo isso”. Então você sai um pouco daquele, por exemplo das questões da avaliação, você sai um pouco daquela avaliação é descritiva, tradicional e você pode produzir outras situações e abrange toda a ementa que você consegue extrair de forma efetiva a aprendizagem. Por exemplo, tem uma disciplina que eu tô aí batalhando pra fazer estudo de caso né? E estudo de caso é algo que traz uma possibilidade de trabalho com o tema, com o assunto. Então, isso eu percebi em um trabalho que eu participei, não foi aqui foi lá na UFRPE, e que eu conseguia trazer como metodologia de ensino, vamos dizer assim, o estudo de caso para trabalhar. Então sim, com toda certeza, os programas institucionais de ensino eles te dão ideias, te dão suporte pra você modificar sua didática, sua forma de avaliar, até mesmo de observar né? De fazer críticas em relação às didáticas que a gente tem né? Eu vejo sim como lado positivo e influenciador de forma positiva a questão dos programas dentro do nosso curso, eu enquanto profissional.

**Pesquisadora:** Certo. E em relação à sua parceria com o supervisor e o coordenador de área no PIBID, isso se refletiu de alguma forma também pra sua formação?

**PF03:** É... você fala, vamos lá que às vezes eu me atrapalho, não é o coordenador não né é o supervisor o do ensino básico né?

**Pesquisadora:** Isso, supervisor é do ensino básico. Coordenador de área é o do ensino superior que organiza todo o projeto. mas você pode falar em relação aos 2 se essa parceria, esse trabalho colaborativo com os dois, se isso contribuiu de alguma forma pra você.

**PF03:** Sim, sim. Tanto na parte do coordenador do programa no curso, quanto da parte do supervisor. Isso, principalmente, quando eu falo é principalmente na primeira orientação que eu tive, eu acho que foi o edital de 2018, se eu não tiver enganado. Foi quando de fato a gente teve um ciclo do projeto né? e até com a publicação do trabalho né da revista científica. Então é, só que nesse primeiro, eu tive um, eu observei uma pequena participação do supervisor. As contribuições, poderiam ter vindo muito mais contribuições do supervisor nesse de 2018. Eu vi que ficou um pouco ausente e é muito importante a visão do supervisor, por que são ambientes diferentes. Então a visão do ensino básico né, trazido por um profissional do ensino básico pra gente, nos dá muita realidade, nos traz muita realidade do que de fato se pode trabalhar numa oficina e eu percebi muito essa ausência dessa visão para que a de fato, até minhas contribuições ela fosse mais assertiva né? E que fosse de fato condicionadas a serem aplicadas. No segundo agora que a gente não, infelizmente por situações a gente não finalizou, aí sim eu tive um supervisor muito participativo, muito proativo e a gente discutia semanalmente. Então eu aprendi muito, porque ele trazia muitas realidades do ensino básico. Então quando eu ia contribuir, eu era mais assertivo, eu trazia mais dentro da realidade as minhas contribuições. Então de fato a participação do supervisor técnico é indispensável para que a oficina ela tenha realmente condição de ser aplicada né? porque eu tô aqui numa realidade de universidade, então o supervisor ele vai justamente, quando eu falar, ele me traz pra realidade do ensino básico essa troca né? e eu não tive muito isso por primeiro não, mas isso não impediu que a oficina tivesse sido de forma é aplicada com muito sucesso. Agora nessa segunda a gente não teve, mas não foi questão de coordenação, não foi questão de supervisão, de orientação, foi situações pessoais mesmo dos orientandos e das orientandas.

**Pesquisadora:** Ok e em relação às publicações, aos trabalhos desenvolvidos por seus orientandos, você tem alguma coisa a comentar?

**PF03:** A gente teve sucesso porque a gente teve publicação no encontro nacional do ensino de química, a gente teve trabalho né publicado, e do trabalho do ensino de química do encontro a gente conseguiu publicar numa revista científica da área de ensino né? eu não vou lembrar o nome da revista eu acho que é Scientia Naturalis, eu acho que é essa. Então eu acredito que quando a gente fecha um ciclo de um projeto e a gente fecha ele com publicações, com participações em eventos, em publicações em revistas científica, eu acredito que isso é o carimbo né de um sucesso que se obteve né com o desenvolvimento do projeto. Então eu acho que é só dar o carimbo pra quem participou e dizer “ó o projeto ele deu certo, foi aplicado e uma parte desse projeto que foi aplicado agora vai estar disponível e outras pessoas vão ter

acesso a esse trabalho e podem né adaptar à realidade da localidade da região para ser aplicado também”. Então as publicações elas servem justamente pra isso né? pra que uma pessoa de outro lado da região tem acesso a essa publicação e veja a possibilidade de aplicar lá com eles também, é a visibilidade dos trabalhos.

**Pesquisadora:** Certo. Você tem mais alguma coisa a acrescentar, alguma análise crítica, algo que não foi discutido ainda?

**PF03:** Não. Que eu me recordo não. Tirando meu desabafo rsrsrs.

**Pesquisadora:** Bom, então é isso. No mais, eu agradeço a participação novamente e é isso.

**PF03:** Pronto. Eu agradeço também né por ter oportunidade de participar e espero né? Nas falas poder contribuir com seu projeto e sucesso ai no seu TCC.

**Pesquisadora:** Obrigada, vai contribuir sim.

**PF03:** Por nada, até a próxima.

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PF04

**Pesquisadora:** Bom dia novamente.

**PF04:** Bom dia.

**Pesquisadora:** Primeiro eu gostaria de agradecer por ter aceitado participar da minha pesquisa cujo título é: PIBID: uma reflexão acerca do seu papel na formação de professores formadores do curso de Licenciatura em Química da UFS *Campus* Professor Alberto Carvalho. Tem o objetivo de investigar o papel da participação como orientador dos pibidianos de Química para a formação dos professores formadores. No caso você foi um desses professores que participou como orientador do PIBID de 2018. Podemos começar as questões?

**PF04:** Sim, sim.

**Pesquisadora:** Fique à vontade caso não queira responder nenhuma.

**PF04:** Ta bom.

**Pesquisadora:** A primeira é sobre sua idade.

**PF04:** 40 anos

**Pesquisadora:** A formação acadêmica e onde obteve a sua graduação, no caso a instituição?

**PF04:** A minha formação acadêmica foi aqui na Universidade Federal de Sergipe, minha formação é Químico(a)... não sei se vem a questão da pós-graduação, mas se vir né eu fiz mestrado também na UFS e aí eu fui fazer doutorado na Universidade Federal de São Carlos na área de doutorado em ciências, mais especificamente em química orgânica.

**Pesquisadora:** E o período da sua graduação?

**PF04:** Eu entrei em 2001 e eu saí em 2004.

**Pesquisadora:** Ok e o mestrado foi logo em seguida?

**PF04:** O mestrado foi logo em seguida. Aí eu entrei no mestrado eu saí... entrei logo em seguida, aí eu saí em 2007. É que na verdade você terminava e entrava em 2005 no mestrado no começo do ano e saía em 2007 também assim no começo do ano.

**Pesquisadora:** Certo e em seguida?

**PF04:** Em seguida fui para o doutorado também entrando em 2007 no começo do ano e finalizei em 2011.

**Pesquisadora:** Ok e logo depois entrou ensino superior para atuar? tem quanto tempo que você vem atuando no ensino superior?

**PF04:** Então... em 2011 até 2015 eu fiz o pós-doutorado. E aí só em 2015 que eu entrei no ensino superior que foi aqui nessa instituição na UFS também não tive outra experiência no ensino superior desde 2015.

**Pesquisadora:** Agora eu gostaria que você falasse um pouco sobre a sua formação Inicial na graduação. Lembra alguma coisa?

**PF04:** Lembro. Mas a minha graduação é um pouco diferente da sistemática de hoje, a gente tinha menos disciplinas, tem algumas coisas muito parecidas, mas eu particularmente gostava bastante. Lembra muita coisa né? Eu acho que quando a gente tá dando aula agora a gente tem essa experiência de vivenciar de novo alguns momentos lá no passado. Então eu gostava bastante, gostava bastante. Fazia as amizades né, um ciclo de amizades, as disciplinas também. Particularmente assim, o que eu lembro mais é que a gente não tinha tanto as opções de atividades que nem tem hoje. As atividades eram menores né, não tinha muitas atividades

assim de visitar escolas né, de participar de feiras, de levar atividade de extensão como é hoje. É a única diferença maior, no restante continua sendo assim eu, particularmente, acho muito parecido com o que é hoje.

**Pesquisadora:** Ok. E em relação às suas experiências com alunos da educação básica durante a graduação, você passou por essa experiência?

**PF04:** Sim, sim. Eu tenho uma experiência que hoje é um pouco diferente, mas nossa experiência é a seguinte: a gente tinha 4 disciplinas que era instrumentação para o ensino de química era 1, 2, 3 e 4 na qual nessa disciplina a gente participava assim, preparava aula, preparava plano de aula e chegava no final que era quando a gente ia aplicar. Em geral, era o nosso TCC. Vinha dessa aplicação né? que a gente ia pra escola. Então, nossas experiências só no final, só no último momento assim, só na última instrumentação para ensino de química é que a gente tinha experiência de ir lá pra escola. Eu tive um diferencial porque, como o meu trabalho a gente queria comparar 2 escolas, então a gente acabou é tendo essa oportunidade de ir em mais escolas. Mas, em geral é uma escola só e uma turma só. A gente aplicou mais por questões mesmo do trabalho que a gente tinha que desenvolver, mas a experiência é só no final tipo assim praticamente o último período.

**Pesquisadora:** Então, no caso é aquilo que muita gente chama de modelo 3 + 1 que seria o início do curso os primeiros anos é aquela formação mais técnica e no final a experiência com o ensino?

**PF04:** Sim, sim. só no final.

**Pesquisadora:** E, no caso, durante essa sua formação o único material que você aplicou pra educação básica foi somente esse do final do curso?

**PF04:** É, foi somente no final do curso.

**Pesquisadora:** Ok. E durante essa formação você chegou a desenvolver algum trabalho de pesquisa em ensino?

**PF04:** Veja, o trabalho de ensino que a gente desenvolveu foi realmente dentro dessa atividade, porque essa atividade que a gente ia fazer nas escolas né? a gente tinha que desenvolver um projeto que hoje vocês fazem com o TCC. Então, o que acontece é que a gente desenvolvia uma atividade, um projeto, aplicava esse projeto e aí essa aplicação é que era essa nossa experiência com o ensino básico. Dessa essa experiência a gente relatava através do TCC e aí a gente trabalhava todas essas metodologias, experimentação né? tinha os

teóricos, a questão de utilizar mídias digitais, isso aí já existia mas essa seria a nossa aplicação que a gente desenvolvia lá. Inclusive a gente mandou pra eventos também o resumo dessa atividade mas era só essa.

**Pesquisadora:** Entendi. Agora, partindo um pouco assim pra sua atuação como professor, você já tinha dito que não chegou a atuar como professor da educação básica né que já ingressou diretamente na UFS. E no PIBID como que tem sido esse trabalho de orientação e desenvolvimento de propostas pra educação básica, já que você falou que durante a sua formação a única experiência que você teve foi essa no final do curso? Então, como tem sido o seu trabalho de orientação no PIBID?

**PF04:** Eu particularmente acho muito interessante, muito interessante, porque eu acho que pra gente que tá orientando é uma vivência do que pode estar passando lá no ensino básico né? porque a gente acaba tendo mais encontros trabalhando com um pouco mais, os alunos relatando né essa experiência que é do pibid. Então, em um olhar de orientador, eu vejo muito importante porque eu acho que aproxima. Apesar da gente não estar lá, aproxima bastante do que a gente poderia desenvolver se a gente tivesse no ensino básico né? Porque geralmente o aluno traz uma ideia de atividade e a gente como orientador acaba colocando um pouco das nossas ideias ali naquelas atividades. E pelo pouco que a gente poderia fazer lá, a gente não faz, mas a gente transporta isso através dos alunos né que vão desenvolver no ensino básico.

**Pesquisadora:** E durante esse período de orientação você encontrou alguma dificuldade em orientar essa produção de material?

**PF04:** Dificuldade não. Dificuldade de orientar não. Eu acho que eu tenho mais dificuldade sim porque eu transbordo de ideias né? Então a cada reunião eu vou ter uma ideia diferente do que poderia ser e, como falta experiência né, principalmente pra vocês que estão começando o PIBID, por isso que eu acho que é tão importante, como falta experiência, às vezes eu quero passar uma informação que eu acho o que seria importante vocês passar lá pro ensino básico que vocês não conseguem ter esse mesmo acompanhamento. Então eu acho que a dificuldade seria mais essa, não uma dificuldade de orientar em si, mas às vezes né? A dificuldade de colocar na cabeça dos pibidianos o que poderiam falar dentro daquele contexto né que às vezes acha que tá fugindo do contexto né? e não tá. É questão de experiência mesmo, é que nem eu falo, o último PIBD tinha lá um slide que era uma charge, eu assisti a aula, e tipo assim eu daria praticamente a aula inteira só utilizando aquele slide, só a charge, a figura, porque dá pra tirar muito mais informações do que realmente né eles exploraram ali no

momento. Então a dificuldade seria mais assim, mas é a questão da experiência mesmo. Vocês estão começando né? Principalmente do PIBID tem muitos alunos que tá na primeira experiência como professor.

**Pesquisadora:** Certo e no curso quais foram os outros trabalhos em ensino de Química que chegou a orientar? Ou desenvolver você mesmo?

**PF04:** Além do PIBID eu tive também trabalho do PIBIC, teve um ano que eu fiz um trabalho no PIBIC também na área de ensino. E aí tem os trabalhos de conclusão de curso, é geralmente uns 2 a mais trabalhos de conclusão de curso e no PIBIC que em 2019 ou foi 2018 mesmo, não lembro, eu também solicitei um trabalho relacionado a área de ensino e não a minha área específica.

**Pesquisadora:** Certo. E orientar esses alunos no processo de elaboração de oficinas temáticas e de trabalhos científicos, porque no final do PIBID, tiveram aqueles trabalhos que foi o trabalho apresentado né? Além dos resumos, isso apresentou algum efeito em sua formação? Você, enquanto professor, o que você que pôde aprender a partir dessa orientação, a partir dessa sua participação como orientador, seja na sua atividade docente, na sua forma de atuar, nas suas linhas de pesquisa... A sua linha de produção científica mudou alguma coisa? Então, quais são os fatores? Qual a influência que essa sua participação como orientador trouxe para a sua formação?

**PF04:** Veja, primeiramente assim, contribui muito, muito porque alguns professores né o nosso departamento a gente tem uma área que é uma área um pouco mais específica que foge um pouco né da área somente na licenciatura. Então, quando a gente tem essas atividades, a gente tá num curso de licenciatura e tem essas atividades e tem a oportunidade de trabalhar junto com essas atividades, do TCC, do PIBID ou outras ações de extensão, é um aprendizado muito grande porque a gente como docente a gente precisa né? precisa estudar, precisa aprender, precisa compreender muitas coisas que a gente não vivenciou na nossa formação, principalmente no nosso mestrado e doutorado. A gente começa a vivenciar agora na prática né? Como orientador, nas correções de textos. Então eu acho que a maior contribuição é essa que a gente aprende muito, é um aprendizado pra gente conseguir vivenciar melhor esse curso, que o nosso curso é licenciatura. Porque se se a gente não conseguisse né? Se a gente ficar por exemplo a pá dessa situação e não quiser participar a gente acaba se distanciando muito dos nossos alunos, porque a formação dos nossos alunos é licenciatura. Então é uma forma de aproximar principalmente pra gente ter o mesmo diálogo, a mesma conversa. Nem

todos os alunos vão ser professores né, mas a maioria tá aqui na formação de professores então a gente precisa ter esse diálogo, pra ter esse diálogo a gente precisa participar dessas atividades, aprendendo com essas atividades.

**Pesquisadora:** A sua forma de atuar em sala de aula, você acha que mudou alguma coisa por mínima que seja?

**PF04:** Não. Não muito. É, infelizmente né, acho que infelizmente, eu falo o seguinte: a gente tem muita vontade de mudar e fazer coisas diferentes né? mas se acaba mudando pouco, porque tem tantas atribuições burocráticas da instituição que a gente acaba se limitando, acho que não só eu, mas a gente acaba se limitando a tentar né novas perspectivas. Claro, que a gente acaba às vezes, eu tô falando assim, mas a gente acaba de certa forma né? é tentando introduzir uma informação ou outra que a gente vem aprendendo nessa vivência, mas é pequeno, é pequeno, é pequeno porque é que nem eu falo, a gente, eu mesmo fico naquela situação, assim fico frustrado né? eu dou aulas sem preparar aula praticamente, porque a gente não tem né o tempo pra gente se dedicar o quanto eu gostaria pra algumas atividades em sala de aula, que eu vejo: nossa eu poderia fazer isso, mas pra fazer isso me demanda do tempo, esse tempo que eu não tenho porque eu preciso fazer outras coisas burocráticas que necessitam de maior agilidade. Então assim, a mudança é muito pequena, a contribuição, mas é por conta dessas questões. Em resumo né, as burocracias da instituição não permitem que a gente consiga incorporar tanto dessas informações que nem eu gostaria.

**Pesquisadora:** Ok. E sua linha de pesquisa continua sendo mais o PIBIC ou você acha que foi mais enriquecida com essa questão do ensino?

**PF04:** Veja, aí é um duelo de gigantes né? a gente começa a ficar na dúvida pra onde a gente seguir. Então a gente passa por um momento que eu gosto muito da área da área específica de pesquisa, da área mais dura, da área química orgânica. Em contrapartida né, a gente vivencia no dia a dia mais essa área de ensino. Então, chega um momento que realmente a gente fica assim, então eu tô passando por esse momento agora, que eu fico na dúvida em qual caminho me dedicar. Então, seria mais ou menos assim, eu tô num duelo aqui que gera uma dúvida. Mas isso aí também é por causa da questão do mão de obra, por exemplo, é muito mais fácil hoje se eu quisesse ter mais um aluno de TCC, eu quero ter mais um aluno de PIBID que trabalha com a área de ensino, eu tenho muito mais oportunidades. PIBIC não, PIBIC a gente não tem bolsa e a gente não tem oportunidade porque poucos alunos se interessam, porque tem os outros caminhos né? Então seria mais nesse sentido.

**Pesquisadora:** Em relação as publicações o que você tem a falar sobre elas?

**PF04:** Veja, eu tenho a falar o seguinte: eu tenho bastante coisas produzidas, inclusive né alunos que deixaram já bem redigido e que eu não consegui ainda botar pra frente por questões burocráticas mesmo, demanda da universidade. Então eu tenho muitas atividades, muitas coisas prontas e poderiam estar produzidas já e não estão por conta realmente dessas burocracias. Eu tava até comentando isso com os outros professores né, é tanta atividade para poucos docentes, que a gente não consegue parar “não vamos trabalhar só nisso”, ou seja vamos produzir, vamos publicar, vamos escrever resumos. Porque toda a demanda é pra poucos professores, o professor não tem como se dedicar “não vou me dedicar esse ano só a pesquisa”. Então tô nesse caminho, produzindo muita coisa mas nada ainda foi publicado.

**Pesquisadora:** Certo. No PIBID, você chegou a publicar alguma coisa com seus orientandos?

**PF04:** Não, a gente não chegou mas aí foi um problema no PIBID. O primeiro PIBID, não esse de 2018, o primeiro PIBID eu tive problema com alunos que não participava, teve troca de aluno, entrou aluno depois saiu. Então no primeiro PIBID eu tive esse problema. Ai no segundo PIBID, que é esse de 2018 né, tenho pretensão de publicar por que o trabalho já ficou um pouco melhor.

**Pesquisadora:** Ok o primeiro PIBID que você participou foi o de 2016?

**PF04:** 2016... foi 2016? Não.

**Pesquisadora:** Porque o edital é a cada 2 anos. Teve o de 2018 e o de 2020 que foi o remoto.

**PF04:** Humm... entendi, eu não me lembro direito, mas foi um passado eu acho que foi o de 2018 então. Eu sei que teve um que tive problemas, aluno saiu, aluno entrou, aluno que teve que cortar boas porque não comparecia... então a gente teve esse problema.

**Pesquisadora:** Ok. E sobre o contato com o coordenador de área e o supervisor, que seria o professor da Educação Básica, o que você tem a falar sobre esse contato?

**PF04:** Em relação a isso, tem que deixar realmente bem Claro aqui que tanto o supervisor né quanto o coordenador de áreas são muitos né susceptíveis pra conversar, aceitar a proposta... a gente não tem realmente eu não tenho o que falar. Tanto o supervisor do PIBID anterior que eu tinha participado quanto o desse, não tenho realmente o que falar, são muito susceptíveis. E participativos né que isso é importante também. São susceptíveis e participativos essas seriam duas as 2 palavras.

**Pesquisadora:** Ok. Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar? Críticas? Sugestões? Observações? Alguma coisa que não foi mencionada ainda?

**PF04:** Eu gostaria só de comentar, eu sei que não é o foco, mas eu queria comentar aqui a importância do PIBID. Porque o PIBID tem uma importância muito relevante para a formação dos alunos, a gente percebe que quando inicia o PIBID e até o final do PIBID, aqueles alunos que a gente vem acompanhando mais de perto, a gente percebe muito a evolução e com certeza esses alunos vão perceber muito mais essa evolução quando eles acabam indo pra depois pra residência pro estágio... que eles percebem que ele já tem uma bagagem a mais que já ta intrínseca neles. Pode ser que muitos nem percebam, mas já ta intrínseca porque eles já participaram do PIBID. Então eu acho que o PIBID tem muita importância pra essa pra essa formação inicial aí, pra esse contato inicial. Aquele contato que você não entra na sala de aula de vez né, você vai preparar, você vai estudar, você vai otimizar, você vai visitar a escola. Então tem uma demanda de tempo e que faz com que o aluno comece a ganhar uma bagagem dentro desse período. Então eu queria deixar registrado realmente essa importância principalmente perante os alunos.

**Pesquisadora:** Ok.

**PF04:** Eu espero que você tenha poucos professores e poucos alunos pra fazer entrevista, porque se não vai ter muito dado.

**Pesquisadora:** Não, vai ser só os professores mesmo.

**PF04:** Ah então ta bom.

**Pesquisadora:** Bom, no mais eu agradeço a participação e se quiser acrescentar mais alguma coisa...

**PF04:** Não, tá ótimo. Queria dizer que tá boa suas perguntas, tá bem coerente também, bem focado eu acho no que você quer, então no mais é boa sorte aí e vamos que vamos.

**Pesquisadora:** Vou precisar. Obrigada, professor. Tchau.

**PF04:** Tchau